

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DEGEO
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA

GEISABELLE NASCIMENTO CABRAL LEITE

A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO MOVIMENTO AMBIENTALISTA:
uma análise das relações de poder no espaço

São Luís

2023

GEISABELLE NASCIMENTO CABRAL LEITE

A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO MOVIMENTO AMBIENTALISTA:
uma análise das relações de poder no espaço

Monografia apresentada ao Curso de Geografia
Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão,
como requisito para obtenção de grau de Licenciado em
Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Célia de Castro Pereira

São Luís

2023

Leite, Geisabelle Nascimento Cabral.

A representatividade feminina no movimento ambientalista / Geisabelle Nascimento Cabral Leite. – São Luís, 2023.

52 f.

Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Célia de Castro Pereira.

GEISABELLE NASCIMENTO CABRAL LEITE

**A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO MOVIMENTO AMBIENTALISTA: uma
análise das relações de poder no espaço**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia
Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão
para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Aprovado em: 24 /07/2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 REGINA CELIA DE CASTRO PEREIRA
Data: 25/10/2023 10:22:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Regina Célia de Castro Pereira (Orientadora)

Doutora em Geografia
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Documento assinado digitalmente
 PRISCILLA VENANCIO IKEFUTI
Data: 25/10/2023 14:54:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Priscilla Venancio Ikefut

Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Ma. Nadja Furtado Bessa dos Santos

Mestre em Geografia
Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ

São Luís
2023

AGRADECIMENTOS

A Deus eterno, meu porto seguro em todos os momentos e companhia quando tudo estava difícil de suportar, meu mais puro e sincero agradecimento. Obrigada meu Deus por tudo, meu primeiro e verdadeiro amor, a ti minha eterna gratidão.

Aos meus pais, Isabel Cristina Nascimento Cabral Leite e Rogean Mauro Costa Leite, todo o meu reconhecimento por sempre se esforçarem para serem suas melhores versões pra mim e nunca desistirem de me apoiar mesmo nas ideias mais malucas, jamais poderei retribuir tamanho amor, mas espero um dia orgulhar vocês. Para sempre, amo os dois.

À pessoa que mais amo e detesto nesse mundo, minha irmã, Isabelle Nascimento Cabral Leite, que me leva a sentimentos mistos em questão de segundos e é um dos tesouros da minha vida. Sonhei várias vezes com seu nascimento, mas nem os sonhos mais perfeitos previram a amiga e companheira maravilhosa que você se tornou hoje, te amo “mil milhões”.

À Professora, Dra. Regina Célia de Castro Pereira, minha orientadora, mulher inspiradora e exemplo de luta e persistência. Levarei seus ensinamentos comigo para toda a vida e nunca me esquecerei do seu exemplo, agradecida por embarcar nas minhas ideias e ter acreditado em mim, infinitamente grata por tudo.

À minha família, por todo apoio nos momentos difíceis e pela companhia nos momentos alegres, obrigada por serem um lugar de paz e felicidade, um presente na minha vida. Obrigada aos meus avós, meus tios e tias, primos e todos aqueles familiares que de alguma forma estiveram presentes, sintam-se abraçados por mim, meus sinceros agradecimentos.

Aos meus amigos, com certeza a caminhada foi mais leve com vocês do lado, obrigada por serem as pessoas mais incríveis com quem já tive contato, sou muito grata por ter vocês na minha vida. Obrigada, meninos, João Matheus Coutinho, pela amizade mais incrível que já tive, Leonardo Victor, meu motivo de riso automático e parceiro nas piadas horríveis e Giovanni Nogueira, companheiro da vida em todos os momentos. E aos meus amigos de Universidade, Eliezer Henrique, Vanderson Rodrigues, Matheus Araújo, Claycijane de Jesus, João Pedro Sousa, Marcos Aurélio, Antônio Isaltonio e Clara Durans, obrigada por serem as companhias mais incríveis para tudo na Universidade. E a todos os outros amigos de todos os lugares que direta ou indiretamente fizeram parte de tudo, obrigada.

Às ativistas ambientais que se dispuseram a participar desse trabalho, dando entrevistas com suas experiências únicas, obrigada por serem inspiração para todas as que

virão depois e que nunca falte coragem para que prossigam, sigamos com o bom trabalho, eternos agradecimentos.

Aos professores que inspiraram minha jornada para iniciar e continuar na área da licenciatura, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio e graduação, vocês podem nunca saber, mas sempre serão inspiração para mim, gratidão por terem sido joias na minha jornada, seguirei seus exemplos.

À todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram de alguma forma para que esse trabalho pudesse ser concluído, meus mais sinceros votos de agradecimento, sem vocês nada seria a mesma coisa.

A todos e todas as autoras, pesquisadoras e estudiosas que vieram antes de mim e puderam me fornecer base para meu trabalho, que nunca falte pessoas inspiradoras e com coragem nesse mundo para avançarmos.

RESUMO

A ação antrópica acumulada tem causado impactos negativos ao planeta, porém não se percebe uma reparação dos danos por parte dos homens e mulheres na mesma medida em que são causados. Diante disso, o presente trabalho buscou fazer uma análise da representatividade feminina no movimento ambientalista, procurando entender as relações entre homens e mulheres dentro da causa ambiental relacionando seus comportamentos atuais a construções sociais históricas dentro de diferentes contextos, entendendo como se deram as relações no espaço a fim de montar as estruturas e padrões sociais que vemos hoje. Para isso foi utilizado de vasta revisão bibliográfica acerca do tema com uso de diferentes fontes como livros, artigos, publicações, periódicos, websites, dentre outros, e para construção da parte prática foram realizadas entrevistas com ativistas ambientais de diferentes perfis e contextos sociais na cidade de São Luís no estado do Maranhão, a fim de coletar seus relatos e experiências dentro da temática para enriquecer a discussão proposta. Os resultados, tanto das pesquisas teóricas quanto da parte prática, revelam uma situação preocupante em que as relações de poder no espaço têm levado a cenários em que as mulheres ficam com maior responsabilidade socioambiental em detrimento à participação dos homens. Assim, percebe-se como o segmento teórico reafirmado pelo trabalho empírico das entrevistas nos apresenta uma questão para reflexão, as mulheres tem estado à frente dos homens na luta ambiental, enquanto há degradação generalizada, e isso precisa ser debatido o quanto antes, a fim de procurar mitigar os efeitos negativos decorrentes.

Palavras-chave: movimento ambientalista; representatividade feminina; mulheres ambientalistas.

ABSTRACT

Accumulated anthropic action has caused negative impacts on the planet, but men and women are not repairing the damage to the same extent that it was caused. Because of this, the present work sought to analyze female representativeness in the environmental movement, seeking to understand the relationships between men and women within the habitat cause, relating their current behaviors to factual social constructions within different contexts, and understanding how relations took place in space. To configure the social structures and standards that we see today, therefore, a vast bibliographical review on the subject using various sources such as books, articles, publications, periodicals, websites, among others, and for the construction of the practical part, interviews were conducted with environmental activists from different profiles and social contexts in the city of São Luís in the state of Maranhão, to collect their reports and experiences within the theme to enrich the proposed discussion. The results of theoretical and practical research reveal a worrying situation in which power relations in space have led to scenarios in which women have greater socio-environmental responsibility to the detriment of men's participation. Thus, it is clear how the theoretical segment reaffirmed by the empirical work of the interviews presents us with a question for reflection, women have been ahead of men in the environmental struggle while there is generalized degradation, and this need to be debated as soon as possible, to try to mitigate the resulting of non-positive effects.

Keywords: environmentalist movement; female representativeness; environmental women.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA.....	13
2.1 Perfil das informantes-chaves.....	14
3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA.....	15
3.1 Primeiros passos para uma organização internacional.....	18
3.2 Nos primórdios dos cuidados com a natureza: as primeiras expoentes.....	20
3.3 As representantes brasileiras.....	26
4 NOÇÕES E SIGNIFICADOS DE NATUREZA E DO FEMININO NA QUESTÃO AMBIENTAL.....	29
4.1 Sensibilidade ambiental e as mulheres	36
5 O ATIVISMO AMBIENTAL EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO E AS EXPERIÊNCIAS SINGULARES	38
5.1 Mais mulheres ou homens no ativismo ambiental?	38
5.2 Diferenças comportamentais entre homens e mulheres dentro do movimento ambientalista	40
5.3 Percepção a respeito do engajamento de homens e mulheres no ativismo ambiental	41
5.4 Mulheres na ação e homens nas lideranças: detalhes do ativismo ambiental	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

O movimento ambientalista, assim como outros movimentos de cunho revolucionário, não está imune no que diz respeito à questão da desigualdade de gênero.

Alguns dados de pesquisas sobre o tema podem nos mostrar que apesar da degradação no planeta ser generalizada, e toda a sociedade e segmentos sociais colaborarem para tal situação, podemos notar uma diferença significativa em relação à responsabilidade socioambiental das mulheres quando comparadas aos homens. Em outras palavras, as mulheres têm estado à frente dos discursos e ações, quando o assunto é cuidado e preservação ambiental. Contudo, antes de adentrarmos na discussão mais a fundo, vamos para uma breve elucidação conceitual de alguns termos utilizados.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2023) a responsabilidade socioambiental “está ligada a ações que respeitam o meio ambiente e às políticas que tenham como um dos principais objetivos a sustentabilidade [...] todos são responsáveis pela preservação ambiental: governos, empresas e cada cidadão”.

Barsted (p. 1, 2011) explica que “analisar as desigualdades de gênero importa em compreender como se constituem as relações entre homens e mulheres face à distribuição de poder”, isso também pode se aplicar para as questões de preocupação ambiental, a análise, além de outras variáveis, considera quem esteve com as funções principais no decorrer da história e quem mediante os problemas dos „avanços“ da sociedade se preocupou com as questões ambientais.

Em Santos (1995) entendemos que os agravos à natureza, na verdade, são agravos para o próprio meio de vida humana se visto de forma integral. Esses agravos devem ser considerados no processo vivo do confronto entre a dinâmica da história e a vida no planeta. Em outras palavras, destruir a natureza, é comprometer a própria existência humana na Terra.

Diante disso, Santos (1992, p. 96-97) ainda apresenta:

A história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A Natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da Natureza. Agora, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução.

A partir do momento em que a humanidade começa a ampliar seus horizontes e conquistar o desconhecido, as relações de poder foram reestabelecidas, e reafirmadas, na medida em que os novos territórios se formavam e os processos de vivência eram reformulados. Cascino (p. 18, 2000) nos explica:

Servindo muito bem como exemplo do processo vivo de superação de paradigmas ultrapassados, a construção da modernidade, em que um novo ser humano se delineava, passou pela retomada das geografias. Geografias que não estão restritas à territorialidade espacial, no que se refere à conquista do solo, dos terrenos, dos vales, rios e montanhas. Para além dessa leitura da geografia, a modernidade instalou, exatamente na medida da constituição de um novo ser humano, territórios inéditos no âmbito dos desejos, das capacidades, das crenças e das disponibilidades.

A relação sociedade-natureza só vai ficando cada vez mais complicada a partir do momento em que se passa pela mecanização de suas ações e os problemas ambientais vão se acumulando, pensando nessa proposta Santos (1992, p. 97) destaca que:

[...] hoje a ação antrópica tem efeitos continuados, e cumulativos, graças ao modelo de vida adotado pela humanidade. Daí vem os graves problemas de relacionamento entre a atual civilização material e a Natureza. Assim, o problema do espaço humano ganha, nos dias de hoje, uma dimensão que ele não havia obtido jamais antes. Em todos os tempos, a problemática da base territorial da vida humana sempre preocupou a sociedade. Mas nesta fase atual da história tais preocupações redobram, porque os problemas também se acumularam.

Sobre o movimento ambientalista, Peñafiel (2005, p. 13) nos explica que “foi sendo construído ao longo de sua história, aos poucos, conforme o aparecimento dos primeiros sinais de preocupação com questões que [...] tinham algum relacionamento com o conceito de meio ambiente”.

Claramente, ações isoladas em prol da natureza e pessoas preocupadas com questões ambientais sempre existiram, porém temos marcos para quando isso se tornou mais evidente e estruturado. Atualmente, o movimento se encontra mais organizado e com algumas perspectivas e propostas bem delineadas, isso resultado de anos de debates sobre o que seria importante ou não, e claro “quem” seria importante nesse processo.

Quando estamos tratando de conservação de recursos naturais e cuidados com o planeta, devemos sempre relacionar as modificações com as circunstâncias históricas dos momentos, considerando todos os elementos, pensando em todos os aspectos que envolvem o debate desde o “quem?”, “como?” e “por que?” a fim de gerar uma compreensão verídica e factível da realidade (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005).

Algumas pesquisas e experimentos globais que serão apresentadas neste trabalho expressaram que mulheres produzem menos lixo, reciclam mais, podem ser mais tendenciosas para compras ecologicamente corretas, consomem menos carne e são mais preocupadas com questões ambientais, dentre outras características.

Vale lembrar que esses resultados não se apresentam como um padrão e, muito pelo contrário, várias regiões podem apresentar resultados opostos, porém, o que precisa se destacar é que existe uma diferença significativa quando se analisa o comportamento de homens e mulheres perante as questões ambientais globais e isso precisa ser debatido.

Os fatores que podem levar uma maior participação ativa de um gênero a outro no movimento ambientalista, podem ir desde questões históricas e convenções sociais até propagandas e afins, isso vai depender do enfoque da busca. Nesse sentido, Abramovay e Castro (2005, p. 37) ressaltam: “Dentro da sociedade, os diversos grupos humanos se ordenam, hierarquizam-se, diferenciam-se e ocupam determinada posição, na qual desenvolvem, também, diversas formas de relação com a natureza”. No entanto, um consenso, independente do enfoque, se materializa no fato de que a desigualdade entre homens e mulheres existe e tem gerado conflitos dentro do movimento ambientalista.

Outra análise pertinente a fazer dentro desse contexto, é a crítica ao avanço tecnológico e conceitual no decorrer das últimas décadas que se propôs a resolver diversos problemas de cunho ambiental, ao passo que escancarou outros problemas de cunho social, por exemplo, e tornou a situação mais densa, Silva e Rangel (2019, p. 4) destacam que:

Ao longo das últimas duas décadas vêm crescendo na sociedade em geral e nos meios científicos e políticos em particular uma aguda preocupação com os rumos do desenvolvimento, ganhando força a noção de desenvolvimento sustentável. A mudança de rumo propugnada por setores decorre da descoberta de que os modelos e estratégias de desenvolvimento até agora recomendados e adotados foram incapazes de resolver graves problemas da humanidade, como a miséria e a fome, ao passo que geraram outros, não menos preocupantes, como a degradação ambiental e o aumento acentuado das externalidades negativas incontroláveis e socioambientalmente indesejáveis.

Diante do exposto, esse trabalho objetivou analisar a representatividade feminina dentro do movimento ambientalista, considerando sua desigualdade histórica em relação aos homens. Além disso, buscou caracterizar a história do movimento ambientalista destacando a presença feminina, apontar aspectos histórico-geográficos que pode ter contribuído para a permanência das mulheres no movimento ambientalista e apresentar alguns dados do protagonismo feminino no movimento ambientalista contemporâneo.

Além disso, procurar explorar a partir de que momento as relações de poder no espaço passaram a ser um problema claro e quais foram os impactos disso para os debates ambientais, com uso de exemplos para ilustrar todas as falas, perpassando por vários contextos sociais de reformulação das geografias no espaço.

Ademais, para além de alguns exemplos com tendências globais a parte empírica do trabalho, consiste na realização de entrevistas com ativistas ambientais em São Luís do Maranhão, atuantes em vários setores e parte dos mais diversos cenários para trazer suas experiências, em uma entrevista guiada, com relatos dentro do tema a fim de enriquecer a discussão com exemplos locais.

Assim, o relatório final aqui organizado em formato de monografia foi estruturado em três capítulos principais, com subdivisões temáticas, sendo o primeiro apresentando uma contextualização histórica, com seção destacando a presença feminina, o segundo para relações causais e conceitos-chave dentro da temática e o terceiro para descrição das entrevistas realizadas como parte prática do trabalho.

2. METODOLOGIA

A pesquisa perpassa pelo segmento histórico e suas construções sociais até os reflexos nos dias atuais.

Para recolhimento de materiais foi realizada uma pesquisa bibliográfica abrangente sobre a temática utilizando as mais variadas fontes possíveis citadas em Marconi e Lakatos (2003) tais como livros, matérias, monografias, pesquisas, jornais.

O trabalho contou com vasta revisão de literatura sobre a temática proposta, perpassando temas como sustentabilidade e relações de gênero dentro do movimento ambientalista, seguindo os estágios propostos por Cooper (1984 *apud* MOREIRA; CALEFFE, 2008) que envolvem a formulação do problema, seleção, avaliação, análise, interpretação e redação de textos.

Como proposto em Marconi e Lakatos (2003) foram realizadas entrevistas do tipo padronizada ou estruturada (apêndice A), a fim de determinar opiniões sobre fatos, recolhendo relatos das informantes-chave sobre os temas, visando obter experiências singulares das entrevistadas partindo de um mesmo princípio, no caso a pergunta.

As entrevistas foram realizadas por meio digital, utilizando a plataforma do *Google Meet* para operacionalização da atividade e o aplicativo de gravação de tela do próprio celular, para posterior consulta da fala das entrevistadas. Por ser entrevista padronizada, todas as perguntas feitas foram iguais a fim de obter resultados que apontassem na mesma direção e as entrevistadas assinaram termos (termo de consentimento livre e esclarecido) que concediam o uso de suas falas de maneira anônima (anexo A).

Vale destacar que a pesquisa é qualitativa e procura analisar os aspectos subjetivos da temática, fazendo uso, para além das fontes bibliográficas, os dados das entrevistas com o objetivo de reafirmar a parte teórica levantada e suscitar o debate.

Assim, foi feita a análise das falas das entrevistadas e selecionados os pontos-chaves de suas respostas para uso no trabalho. Vale destacar que as respostas das entrevistadas não estão na mesma ordem dos perfis descritos abaixo, ou seja, a "entrevistada 1" ao final do trabalho não é necessariamente a dona do perfil 1, isso para fins de preservação de identidade.

2.1 Perfis das informantes-chaves

A escolha das informantes-chave se deu pelo critério de diversidade, pensando nos olhares múltiplos. Dentro do ativismo ambiental foram escolhidas mulheres com variadas vivências e cenários, diferentes idades a fim de se obter relatos com pontos de vista diversificados acerca da temática, enriquecendo ainda mais a discussão. A seguir a breve biografia das mesmas.

Walkyria Biondi Lopes de Magalhães, 23 anos, graduanda de Medicina Veterinária na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, ex-bolsista do PIBEX de Saúde Planetária e ODS, presidente da Liga Acadêmica de Saúde Única e do Clube Maranhense de Saúde Planetária. Envolvida diretamente com instituições e projetos ambientais, importante figura para falar diretamente do meio jovem sobre sua perspectiva ambiental.

Raissa Suelen Amorim, 24 anos, técnica em meio ambiente pelo Instituto Federal do Maranhão - IFMA, gestora ambiental pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR, gestora de resíduos sólidos pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS, embaixadora Lixo Zero e coordenadora do programa São Luís Lixo Zero, proprietária da Cocais Engenharia Ambiental e professora de Educação Ambiental na Universidade Joaquim Nabuco. Aqui mais uma figura importantíssima para mostrar a perspectiva do protagonismo feminino jovem no movimento ambientalista atual.

Luzenice Macedo Martins, 49 anos, bióloga e mestra em saúde e meio ambiente, coordenadora de projetos do Instituto Maranhão Sustentável e consultora geral da Assembleia Legislativa. Uma figura envolvida em diferentes esferas de abrangência do movimento ambientalista para enriquecer o trabalho com seus relatos.

Andréa Araújo do Carmo, 51 anos, bacharel e licenciada em Biologia, pós-doutora em taxonomia integrativa do fitoplâncton pelo Instituto de Pesca de São Paulo e superintendente de gestão ambiental da AGA - UEMA, além de envolvida com diversos projetos relacionados na área ambiental. Uma figura para enriquecer o debate com uma visão de profissional dentro da universidade, além de suas experiências como ativista em ambientes variados.

Graça Maria Oliveira Soares, 72 anos, licenciada em Arte-Educação pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA e artista visual, membra fundadora da ONG Arte-Mojó, que trabalha com a comunidade mesclando arte e sustentabilidade com produção artesanal sustentável, trabalhando em prol da causa ambiental com conservação e cuidados ao ambiente local.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA

Santos (1995), ao falar sobre degradação ambiental decorrente das ações antrópicas apontou o perigo de analisar o presente utilizando somente do contexto atual e salientou a necessidade de se estudar o passado, perpassando os aspectos históricos que contribuíram para que chegássemos ao cenário e condições atuais. Dito disso, vamos a uma breve síntese dos primeiros relatos registrados de preocupações ambientais ao redor do mundo.

A história do movimento ambientalista não teve um começo, mas teve uma “institucionalização”. Não temos um evento específico que marcou o início das preocupações ambientais, isso ocorreu de maneiras distintas em cada lugar do mundo. Contudo, temos marcos simbólicos que representam momentos iniciais do debate global do ambientalismo, além do início dos singelos grupos organizados em prol da temática.

O ambientalismo britânico teve suas origens na era das descobertas científicas, os estudos dos naturalistas da época levaram às conclusões de que a forma como a sociedade estava se utilizando da natureza estava causando alguns impactos negativos. Isso acarretou em reivindicações de defesa à vida selvagem e „áreas verdes“ de lazer para a conturbada vida industrial que estava se iniciando (MCCORMICK, 1992).

Nesse cenário de naturalistas destaca-se primeiramente Gilbert White (1720–1793) com sua obra „The Natural History of Selborne“ (1788), que na discussão trazia o ponto da convivência pacífica do homem e a natureza. Além do Naturalismo, outro fator de influência foi o Romantismo, dentro de suas canções os autores retratavam a imagem da natureza relacionada ao homem, criticando a “modernidade” que estava em processo de formação.

No século XIX com a popularidade da história natural e da ornitologia alguns danos na natureza foram asseverados por conta do recolhimento de espécimes para estudos de forma descontrolada, a partir daí surgiu o desejo de preservar a natureza por parte de alguns clubes e outros naturalistas visando reduzir os danos.

Uma das primeiras associações preocupadas com a questão animal foi a *Society for the Protection of Animals* fundada em 1824 e reconhecida por carta real em 1840. Inicialmente tinha o objetivo de alertar para as crueldades com animais domésticos, mas logo voltou sua pauta também para os animais selvagens.

Os alemães, por outro lado, foram os especialistas em ciência das florestas no século XIX, em parcerias com a Índia. Muitos estudiosos da época iam para a Alemanha estudar e depois de um período no Serviço Florestal Indiano, voltavam a seus lugares de origem ou outras partes do Império, como Austrália e África do Sul. Contudo, houve países que foram pelo caminho inverso, tal como lembra McCormick (1992, p.27):

Os primeiros colonizadores da Austrália, assim como dos Estados Unidos, viam as florestas como obstáculos no caminho do progresso. As advertências sobre a deterioração ambiental não demoraram a surgir. Em 1803, a derrubada "imprevidente" da floresta nas encostas do rio Hawkesbury, em New South Wales, e o cultivo em suas margens estava causando erosão do solo e enchentes sérias, "que poderiam, em alguma medida, ter sido evitadas se árvores e outras plantas nativas tivessem sido mantidas".

Um problema de origem antiga e que tragicamente perdura até os dias atuais é a caça. Claramente, o problema tem suas origens tão antigas quanto a história da humanidade, porém vamos adotar o marco dos anos 1800 em diante para tecer as críticas.

No final do século XVIII e começo do século XIX tínhamos o problema da caça às baleias e as focas, poucos anos depois a caça a esses animais não era mais viável, pois tinham reduzido drasticamente suas populações devido a não programação dos períodos de caça.

Na Austrália, por conta da grande quantidade de animais os habitantes não se importavam com os problemas da caça, pois acreditavam que por serem uma nação jovem, ainda podiam usufruir do que possuíam. Inegavelmente, vale destacar que a caça era uma atividade exercida por homens e mesmo depois de reformulada continua majoritariamente exercida pela classe masculina, mesmo se caracterizada por esporte.

Em várias regiões da África, expedições de caçadores eram montadas por meses para caça a elefantes, essa disseminação da caça desenfreada se deu ainda no século XVIII. McCormick (1992, p. 28) relata que “na década de 1830 a população de elefantes do Cabo Oriental já havia quase desaparecido”.

A primeira causa protecionista popular identificada foi contra a matança de pássaros para fornecimento de plumas para a moda, na década de 1860. Esse cenário acendeu ainda mais o movimento pela proteção da vida selvagem. Coincidentemente, a maioria e a liderança das pessoas que integraram as primeiras agremiações em protesto ao que estava ocorrendo foram mulheres, alguns grupos conseguiram criar até mesmo conexões internacionais para tentar solucionar o problema. McCormick (1992, p. 23) escreve sobre o período:

A East Riding Association for the Protection of the Sea Birds, fundada em 1867 [...], pode ter sido o primeiro organismo de preservação da vida selvagem no mundo, e outros logo o seguiram. Quatro leis do Parlamento - em 1869 (Pássaros Marinheiros), 1872 (Pássaros Selvagens), 1876 (Aves Selvagens) e 1880 (Pássaros Selvagens) - deram alguma proteção aos pássaros selvagens e ajudaram a diminuir o fluxo de plumagens das fontes locais, mas novos suprimentos foram trazidos dos trópicos na década de 1880. Nos cinco meses que antecederam o mês de abril de 1885, por exemplo, a plumagem de aproximadamente 775 mil pássaros das Índias Ocidentais, do Brasil e das Índias Orientais, além de outros países; foram vendidas no mercado de Londres.

A oposição à matança dos pássaros por sua plumagem foi conduzida pelas próprias mulheres, que eram maioria entre os membros das primeiras agremiações - a Liga da Plumagem (1885), a Liga de Selborne (1885), a (posteriormente Royal) Society for the Protection of Birds (1891) e o Fur, Fin and Feather Folk (1889). A Society for the Protection of Birds fez com que seus membros se comprometessem a não mais usar plumagens e montou uma rede com ramificações nacionais e além-

mar; a ramificação indiana esteve por trás de uma das primeiras legislações contra o tráfico internacional de animais selvagens: em 1902, o governo indiano ordenou a interdição da exportação de peles e de plumas de pássaros.

Prezando pelas áreas verdes urbanas, surge na Europa o possível primeiro grupo ambientalista privado do mundo - a *Commons, Open Spaces, and Footpaths Preservation Society* – fundada em 1865, inaugurando a era ambientalista britânica movida por interesses. Estava havendo uma forte reação contra a situação decadente de vida nas cidades industriais e a busca por espaços mais abertos resultou nesse cenário.

Enquanto isso, na América do Norte as primeiras preocupações foram relacionadas à preservação das florestas. Os primeiros colonos foram hostis quanto ao cuidado com as matas virgens e rapidamente conseguiram devastar boa parte da vegetação começando os desequilíbrios ambientais. Nesse cenário, o estudo da história natural também inspirou cientistas e escritores que logo começaram a discorrer sobre as belezas da natureza virgem, igual havia ocorrido na Grã-Bretanha. Vários autores inspirados lançaram livros na temática, primeiramente mais voltados aos pássaros, fazendo crescer o interesse pela ornitologia.

Podemos destacar dois acontecimentos marcantes em 1864 na consolidação de uma consciência ambientalista na história norte-americana: a publicação do livro *Man and Nature* de George Perkins Marsh e o decreto do congresso transferindo duas reservas naturais para a Califórnia, sob a condição de que eles ficassem para uso recreativo e não fossem alterados. Mais tarde o movimento se dividiria em duas vertentes, os preservacionistas e os conservacionistas. As discussões seguintes e todo o posterior desenrolar da história se guiarão em seguir as ideias de uma corrente ou da outra.

A depressão econômica da década de 1880 e a crise intelectual pós-Darwin trouxe um cenário mais pessimista das pessoas em relação aos benefícios da indústria, depois de alguns estudos comprovando os malefícios à saúde humana, tudo acabou decaindo ainda mais. A indústria antes “fonte do poder econômico e político era agora retratada como destruidora da moral e da ordem social, da saúde humana, dos valores tradicionais, do meio ambiente físico e da beleza natural” (MCCORMICK, p. 25, 1992).

Uma análise interessante de se fazer nesse cenário se apresenta no fato de que mesmo tendo sido comprovado problemas para a saúde humana advindos das indústrias de sabão, vidro e têxteis e a solução para tal questão ser simplesmente a lavagem das emissões com água não havia interesse por parte dos investidores, a menos que algum tomasse a iniciativa primeiro e isso se tornasse fator de “concorrência no mercado”. Aqui vemos um claro exemplo da vertente econômica – esse conceito diz respeito a se importar com a natureza

tendo em mente interesses econômicos – de Joseph Petulla (1980), apesar da necessidade de fazer, só seria conveniente operacionalizar se isso significasse não perder capital.

Vale destacar que, nos lugares que foram colônias da Europa as preocupações ambientais chegaram primeiro como forma de proteger as riquezas dos estrangeiros e mesmo dos moradores locais, ou seja, estavam preocupados em perder recursos que poderiam lhes servir e, portanto, estavam tratando de proteger dos exploradores de fora e mesmo dos próprios nativos das regiões. O interesse por parte da Coroa Britânica era pensando em não perder espaços naturais que poderiam ter recursos importantes.

Em 1900, o primeiro acordo ambiental do mundo – a Convenção para a Preservação de Animais, Pássaros e Peixes na África – foi assinado em Londres pela Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Portugal e pelo Congo Belga. “A preservação da caça estava na raiz da convenção, e havia pouco interesse pelos animais que não se prestavam à caça, os quais presumivelmente não estariam ameaçados por não serem caçados” (MCCORMICK, p. 36 1992).

Além disso, em 1903 foi fundada também a primeira organização internacional do mundo a “Society for the Preservation of the Wild Fauna of the Empire”.

3.1 Primeiros passos para uma organização internacional

Alguns anos antes da Primeira Grande Guerra houve tentativas de se criar um órgão internacional para tratar das questões ambientais, porém com a eclosão do conflito as ideias ficaram não mais do que na mente de alguns idealistas mais ativos e tudo acabou sendo esquecido. Nesse cenário um dos nomes de destaque pode ser considerado o de P.G. Van Tienhoven, que apesar de alguns esforços não bem-sucedidos, estava lutando por conseguir algo, assim o pouco progresso de ações efetivas nesse sentido no período entreguerras ficou com os ornitólogos que trabalharam no sentido de criar organizações cooperativas para a proteção da vida selvagem. Porém, antes mesmo que as preocupações ambientais pudessem se apresentar como um problema além-fronteiras que merecia ser tratado em uma esfera internacional, entramos na Segunda Grande Guerra e mais uma vez os projetos precisariam ser adiados.

A Segunda Guerra Mundial transformou valores e atitudes no sentido do internacionalismo, o que, por sua vez, alterou radicalmente a agenda do ambientalismo. Depois de muitas idas e vindas, discussões e interesses em pauta, finalmente a consciência ambiental começaria a nascer de maneira mais uniforme e global, junto a outros movimentos

de cunho social, visto os estragos advindos das guerras e principalmente dos perigos recém-descobertos com as bombas nucleares.

Uma das primeiras discussões a nível internacional diante do novo cenário ambientalista em imersão foi a questão alimentar. Como produzir a fim de suprir todas as demandas e o quão era importante tratar do solo e seus nutrientes a fim de garantir que não houvesse crise alimentar, escassez de alimentos ou produtos agrícolas.

Muitas conferências, reuniões e alguns acordos entre os países foram feitos no intervalo das guerras na tentativa de criar uma parceria internacional que tratasse do tema, e mesmo alguns fóruns com maior alcance para tentar debater sobre temáticas ambientais emergentes como a Conferência Científica da ONU sobre a Conservação e Utilização de Recursos (UNSCCUR) em 1949, mas foi a partir da Conferência da Biosfera em 1968 e principalmente da Conferência de Estocolmo de 1972 que veríamos resultados efetivos nesse sentido.

A era atômica, as preocupações advindas dos países com os estragos da Guerra e ao mesmo tempo tentando se sobressair um ao outro competindo para ver quem se reconstruía primeiro somado a alguns fenômenos na natureza anormais em consequência desses testes atômicos desencadeou na tecnologia em possibilidade de causar contaminação ambiental irrestrita a qual todos poderiam ser afetados. Assim, houve a primeira alusão ao conceito de um meio ambiente global e a problemas ambientais universais. Esse conceito foi então adicionalmente reforçado pela publicação de *Silent Spring*.

O lançamento de *Silent Spring* publicado em 1962 por Rachel Carson foi um dos livros de maior impacto na denúncia dos efeitos negativos da ação humana na natureza ajudando a alavancar o movimento ambiental moderno, além de tratar de denúncias ambientais dos primeiros temas de discussões levantados, como citado, a questão alimentar.

A partir de 1962, pode-se observar um renascimento no movimento ambientalista, era mais sensível, mais profundo e possuía um embasamento teórico muito mais refinado que as ultrapassadas instituições ambientais criadas até o momento, o novo ambientalismo envolvia diretamente a vida humana nas relações ambientais e era de cunho ativista e político. Essa abordagem permitiu maior adesão por parte da sociedade e das instituições de poder preocupados com a fragilidade e alarmante extermínio de sua própria existência na Terra.

Nesse sentido, “o ambientalismo [...] surge na década de 1970, emergente das lutas pela democratização do país, buscando modelos alternativos para uma sociedade mais justa e equilibrada” (ABRAMOVAY; CASTRO, p. 49, 2005).

O Novo Ambientalismo parece ter surgido de maneira repentina e completa, porém devemos lembrar que tudo foi um produto de forças e os elementos de mudança já vinham emergindo muito antes dos anos 60 (MCCORMICK, 1992). Em outras palavras, as bases estavam sendo plantadas há bastante tempo e mesmo que não tão conectadas já existiam indivíduos com discursos muito coerentes a respeito e algumas iniciativas muito pertinentes para a causa, assim como, pequenos grupos organizados isolados. Destaca-se também, a influência de outros movimentos de cunho social que impulsionaram e beberam das mesmas fontes do ambientalismo.

Isso poderia ser estendido aos anos 60, à visão de que a degradação ambiental significava uma ameaça tão grave para a segurança material quanto a guerra; daí os muitos paralelos entre o ambientalismo e o movimento contra a guerra. Ambos eram movimentos pela reforma social e ambos deviam muito de seu apoio aos ativistas jovens e de bom nível educacional. (MCCORMICK, p. 66, 1992).

Em 1987, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento chefiada por Gro Harlem Brundtland, primeira-ministra da Noruega, apresentou o documento *Nosso Futuro Comum*, mais conhecido como Relatório Brundtland (ÁVILA; RIBEIRO; HENNING, 2016).

Diante desse breve apunhado da história, pode-se perceber a ausência de personagens femininas como figuras de destaque, o que muda mais recentemente, se considerarmos o lançamento de *Silent Spring* e o relatório Brundtland, ambos méritos de mulheres. Isso nos remete a uma exclusão histórica feminina que apagou a sua imagem diversas vezes, enquanto a história era contada, a seguir faremos outra breve síntese das mulheres que estavam fazendo história na causa ambiental, como lembra Inocêncio (2013) de forma paralela a dos homens, mesmo sem serem reconhecidas.

3.2 Nos primórdios dos cuidados com a natureza: as primeiras expoentes

Segundo Viezzer citada por Lagos et al (2014) temos que “diversos são os documentos, declarações e manifestos de mulheres e seus movimentos organizados que funcionam como porta-vozes da visão que as mesmas têm da necessidade de rever nossa maneira de pensar e tratar o mundo a partir de uma visão oposta à ciência e tecnologia patriarcais”.

Diante disso, serão apresentadas a seguir, algumas mulheres que são referências no movimento ambientalista no decorrer da história, mesmo que em poucos registros se comparado com a história geral.

Nos primórdios dos registros de ambientalistas, temos Anna Botsford Comstock (1854 – 1930), artista, educadora, seguidora da linha conservacionista e membra do movimento pelo meio ambiente norte-americano. Portadora de altas habilidades para ilustrar, Anna ingressou

em 1874, em Cornell University, onde se destacou em seus projetos e também casou com o entomólogo e professor John Henry Comstock, na qual ela ilustrou vários livros e posteriormente fizeram várias publicações juntos.

Em um período em que muito se falava sobre história natural, Anna foi destaque com suas ilustrações e livros que, vale salientar, são referências para educadores até os dias atuais e a fizeram ganhar muitos prêmios na época. Foi também a primeira mulher a ingressar no Sigma Xi (tipo de sociedade de honra) e primeira professora da Cornell University, mesmo que o cargo de professora titular tenha lhe sido negado por 20 anos pelo fato de ser mulher.

Outra figura de destaque seria Kate Sessions (1857 – 1940). Depois de tantas discussões sobre a criação de espaços verdes dentro das cidades, não podíamos deixar de falar sobre as contribuições de Sessions. Botânica, horticulora e arquiteta paisagista foi a primeira mulher a se graduar na Universidade da Califórnia e depois de se mudar para San Diego, na época uma cidade muito seca, começou então a produção de um viveiro e em 1885 conseguiu um espaço de 30 hectares no City Park, atualmente conhecido como Balboa Park, em troca de plantar 100 árvores por ano no parque e outras 300 em San Diego. Seu trabalho e suas produções foram internacionalmente reconhecidas e chegou a ganhar muitos prêmios e homenagens, ficando conhecida como “mãe do Balboa Park”.

Rosalie Barrow Edge (1877 – 1962) ambientalista e sufragista norte-americana foi outra figura de destaque em uma época que pouco se falava sobre as mulheres, depois de começar a desenvolver um interesse pela observação de pássaros na década de 1920. Denunciou a ineficácia dos grupos de conservação atuantes, até então, pelo fato de que haviam animais sendo mortos demasiadamente, especificamente a águia americana, porém nada era feito, pois eles não estavam necessariamente em extinção. Diante disso, em 1929, Edge fundou o Comitê de Conservação de Emergência (ECC), que se empenhava em proteger todas as espécies de animais, comuns e raros. Além disso, também fundou o primeiro refúgio do mundo para aves de rapina, o Hawk Mountain Sanctuary, comprando para isso uma propriedade que antes servia para caça desses animais. O santuário funciona até os dias atuais e atua como um centro de investigação científica, local internacional de treinamento para conservação, funcional em aprendizado para todas as idades, santuário de vida selvagem e destino de ecoturismo aberto ao público durante todo o ano, maior organização mundial de conservação de aves de rapina apoiada por membros e um dos melhores lugares do nordeste da América do Norte para ver a migração anual dos falcões no outono (HAWK MOUNTAIN – GLOBAL RAPTOR CONSERVATION, 2023). Edge também inspirou Rachel Carson e ajudou com alguns dados de problemas com as aves para o livro fenômeno *Silent Spring*.

Marjory Stoneman Douglas (1890 – 1998), depois de algumas centenas de contos, publicou em 1947 sua obra de maior impacto o livro “The Everglades: River of Grass”, o sucesso e impacto do livro foram tantos que Marjory foi até mesmo convidada para assumir a liderança da proteção dos Everglades quando já estava com 79 anos e pelos 29 anos seguintes continuou lutando bravamente pela causa. Jornalista, escritora, feminista e ambientalista usou sua influência para divulgar mais ainda sua luta ambiental e seguiu destemida lutando pelas causas que defendia, ganhando também muitos prêmios e homenagens.

A ONG “Sem Abelha Sem Alimento” em seu site destaca algumas falas sobre Marjory após sua morte, dentre elas a matéria de um obituário declarando “na história dos movimentos ambientais americanos não há muitas figuras mais notáveis do que Marjory Stoneman Douglas” e ainda destaca a fala do governador da Flórida, Lawton Chiles, quando disse “[Marjory] não foi apenas uma pioneira do movimento ambientalista, ela era uma profeta, chamando-nos para salvar o meio ambiente para nossos filhos e netos”.

Eva Crane (1912 – 2007) física nuclear conhecida por suas pesquisas com abelhas, foi uma figura muito peculiar nos avanços específicos dos estudos desse animal. Abandonando a carreira de PhD em Física Nuclear, dedicou sua vida a viajar pelo mundo para entender tudo sobre abelhas e mostrar sua importância para a sociedade. Seu interesse teria começado durante a Segunda Guerra Mundial, quando ela recebeu de presente de casamento, uma caixa de abelhas, que na época significava um auxílio para as famílias conseguirem açúcar, presente muito apreciado na Grã-Bretanha. Desde então, Crane dedicou muitos anos de sua vida pesquisando e estudando a vida, importância e comportamento das abelhas, publicou muitos livros e artigos sobre o tema, mesmo em idade avançada, e fundou um instituto, que se tornou muito conhecido, para defender a causa das abelhas e sua importância ambiental em um mundo moderno colapsado.

Dian Fossey (1932–1985) zoóloga americana que desenvolveu a maior parte de seu trabalho na África, em Ruanda e no Congo, estudando gorilas nas montanhas misteriosas de Ruanda, foi fundamental na catalogação e estudo de diferentes espécies de gorilas nunca antes estudados e no combate à caça na região, além de abrir novos horizontes para as mulheres na biologia. Fossey trabalhou no combate direto a grupos de caça, prisão de caçadores, desarmamento de armadilhas e pressão nas autoridades para criação de leis anti-caça.

Nesse cenário, vale uma análise pertinente, mesmo depois de tanto tempo e tantos avisos dos problemas advindos da atividade da caça e com uma sociedade, teoricamente, mais esclarecida a respeito dos impactos ambientais advindos das atividades humanas na natureza. A caça continua sendo uma atividade forte e com uma resistência persistente. Fossey foi

encontrada morta, em 1985, em sua barraca nas montanhas de Ruanda e as suspeitas do caso nunca resolvido, são que ela foi morta por algum dos caçadores que não queriam mais sua presença na região, alertas para a resistência ameaçadora.

Hazel Henderson (1933–2022) economista famosa, reconhecida como uma das pioneiras revolucionárias do ambientalismo e da sustentabilidade no mundo e por seu trabalho com economia futurista. Conhecida como musa da sustentabilidade, Henderson defendeu uma economia mais justa e sustentável, uma nova globalização e novos modos de viver embasados por valores femininos, entusiasta do Brasil, lançou no país em 2011, um livro intitulado “Cidadania Planetária – seus Valores, Crenças e Ações podem criar um Mundo Sustentável”. Foi membra e representante de várias organizações que defendiam sua causa, lançou livros pertinentes sobre a temática e ainda lançou algumas plataformas multimídias das temáticas. Ademais, criou o Green Transition Scoreboard – índice métrico de evolução dos investimentos em energias limpas.

Margaret Thomas Murie (1902 - 2003) naturalista e aventureira, passou cerca de 40 pesquisando a vida selvagem no Alasca e Wyoming. No ano de 1956, junto com seu marido, iniciou uma campanha para proteção de parte do território natural do Alasca que estava em risco e junto com o suporte do juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos, William O. Douglas, eles convenceram o presidente Dwight Eisenhower a reservar 8 milhões de acres para o Refúgio Nacional de Vida Selvagem do Ártico. Mais tarde, ela trabalhou na construção da Lei de Conservação de Terras de Interesse Nacional do Alasca, que dobrou o tamanho do refúgio. Murie foi primordial ainda em outras campanhas e criação de áreas para preservação extremamente importantes, por conta de seu trabalho, foi homenageada com algumas medalhas premiadas.

Rachel Carson (1907 – 1964), citada anteriormente algumas vezes no referido texto, se apresenta como o nome de mais destaque quando tratamos da história do movimento ambientalista em todo o mundo. Bióloga marinha, escritora, cientista e ecologista, antes de *Silent Spring*, lançou uma trilogia sobre a vida marinha e levou o debate da proteção ambiental para outras esferas e em poucos anos a administração Nixon, criou a Agência de Proteção Ambiental. Infelizmente, vítima de um câncer morreu cedo e sua memória tentou ser manchada posteriormente por companhias químicas que eram contra as ideias do livro principal, porém o legado e inspiração de Carson se sobressaíram e serviram para inspirar ainda mais a nova classe ambientalista em ascensão no período, marcando uma nova era do movimento ambiental.

Jane Goodall (1934), primatóloga, etóloga e antropóloga, considerada a maior especialista do mundo em chimpanzés, foi extremamente ativa no trabalho de campo o qual permaneceu por 55 anos em seu trabalho mais reconhecido, na Tanzânia, com os chimpanzés. Além disso, também advoga e atua como ativista no bem-estar e conservação animal, assim como algumas outras das figuras femininas citadas, também possui um instituto que trabalha em prol da causa ambiental.

Sylvia Earle (1935) bióloga marinha, autora, palestrante e exploradora estadunidense, ajudou na projeção de submarinos de pesquisa, mas se tornou amplamente conhecida por suas ações de proteção dos oceanos ao redor do mundo e luta pela causa ambiental marinha. Foi a primeira mulher nomeada cientista-chefe da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA), além disso, é uma exploradora em residência pela National Geographic e em 1998 ganhou o título de primeira heroína pelo planeta pela Time Magazine.

Gro Bruntland (1939) com certeza foi uma figura fundamental e de muito destaque quando tratamos de relações internacionais globais, sendo a primeira mulher eleita primeira-ministra da Noruega e ex-diretora geral da Organização Mundial da Saúde, levantou um marco ao levar a pauta ambiental para o debate internacional e em 1987 lançar o famoso documento intitulado “Nosso Futuro Comum”, mais conhecido como Relatório Bruntland. Ademais, foi presidente da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que motivou a Cúpula da Terra, a ECO-92, sediada no Rio de Janeiro, um momento decisivo para que se começasse a atentar para a necessidade de pensar desenvolvimento socioeconômico atrelado ao uso equilibrado dos recursos naturais disponíveis, uma responsabilidade de todos.

Wangari Maathai (1940– 2011), professora e ativista política do meio ambiente no Quênia, um país em um continente caracterizado pela exploração ambiental histórica e com poucos representantes que conseguiram participar ativamente de decisões políticas sobre seus próprios países. Ainda jovem conseguiu uma oportunidade rara na década de 1960 para estudar na Universidade dos Estados Unidos, onde cursou licenciatura e mestrado em biologia. Após isso, voltou para o Quênia com uma nova mentalidade sobre os danos ambientais em seu país e a necessidade dos direitos das mulheres. Assim, fundou o Green Belt Movement para tratar das duas questões, ensinando mulheres quenianas a plantar árvores capacitando para o mercado de trabalho e as tirando da pobreza, além de replantar grandes áreas verdes. Por essa atitude nobre, Maathai ganhou o prêmio Nobel da Paz em 2004, a primeira mulher africana a receber o prêmio.

Mary Robinson (1944) advogada, ex-presidente da Irlanda e enviada especial da ONU para mudanças climáticas, em um cenário que as relações sociais avançaram muito e as

mulheres podem ocupar posições de destaque, no sentido de cargos políticos e profissões diversas, Robinson trata das questões ambientais de maneira perspicaz em seus trabalhos. Em seu livro “Justiça Climática” traz relatos dos anos em que participou de conferências ao redor do mundo, mostrando diferentes realidades do ambientalismo, enriquecendo mais ainda o debate sobre a temática.

Biruté Galdicas (1946) primatologista, conservacionista, etóloga e autora de vários livros sobre a ameaça da extinção do orangotango e uma das maiores autoridades no assunto. Inspirada em Jane Goodall e em Dian Fossey acabou se tornando uma delas, grande referência em sua área de estudos. Dedicou-se em proteger a floresta tropical, lar dos orangotangos, que estava sendo destruída pela exploração madeireira. Adiante, também tratou de combater a comercialização do animal e criou um centro de reabilitação para a espécie na natureza e atualmente preside o Orangutan Foundation Internacional.

Vandana Shiva (1952) física, estudiosa, ecofeminista, ativista ambiental e antiglobalização lidera uma campanha de não-uniformidade e trabalha para promover práticas orgânicas e comércio justo, diretora da Fundação de Pesquisa para Ciência, Tecnologia e Ecologia, ganhou o Prêmio Nobel Alternativo da Paz em 1993. Em seu livro sobre ecologia, deixa bem claro, a importância das mulheres na causa ambiental e o apoio às fazendas orgânicas de produção feminina para um mundo ambientalmente amigável e com crescimento econômico sustentável, lançando muitas obras pertinentes sobre a temática. Fiúza (p. 183, 1997) escreve sobre Shiva: “defendeu um desenvolvimento alternativo baseado na agricultura tradicional de subsistência, diferente do modelo destrutivo e masculino, que sempre leva à mercadorização da mulher”.

Sheila Watt-Cloutier (1953) ativista Inuíte luta pelo direito do seu povo de viver em sua região sem a alteração do clima, algumas regiões árticas da América do Norte estão derretendo e Sheila representa a etnia indígena Inuíte em escala regional, nacional e internacional para defender a causa ambiental.

Winona LaDuke (1959) economista, ambientalista e escritora americana conhecida por sua luta em reivindicações e preservação de terras tribais, além de defender o desenvolvimento sustentável. Estudando sua própria tribo, viu desenvolver ideias de desenvolvimento local sustentável, que iam desde a produção de alimentos, até a geração de energia, sem causar maiores danos ao planeta, usando o modo de vida natural.

Berta Isabel Cáceres Flores (1971- 2016) ativista ambiental, membro do povo indígena Lenca, em Honduras. Cáceres fundou, ainda estudante, o Conselho de Organizações Populares e Indígenas de Honduras (COPINH) para enfrentar questões como a extração ilegal

de madeira e a destruição ambiental causada por plantações e barragens. Em 2015, ganhou um prêmio ambiental por uma campanha que tirou o maior construtor de barragens do mundo de um projeto no rio Gualcarque, por irregularidades. Fatalmente, em 2016, foi assassinada em sua casa mostrando os riscos a que estão submetidos os ambientalistas mais ativos na causa e que infelizmente o poder e ordens vem de quem possui recursos, deixando os ativistas vulneráveis em sua luta.

Isatou Ceesay (1972) educadora, ativista ambiental e principal representante da reciclagem de plásticos na Gâmbia, abandonou forçadamente muito cedo a escola, mas com uma consciência ambiental aguçada percebeu os estragos que os excessos de plásticos estavam causando em seu país e em 1997 fundou o grupo Njau Recycling and Income Generation, onde diversas mulheres saíram da pobreza trabalhando com reciclagem de plásticos.

3.3 As representantes brasileiras

Silva e Rangel (2019) lembram uma pesquisa realizada em 1992, pelo MAST/MMA/ISER/CNPq com o título “O que o brasileiro pensa da Ecologia – O Brasil na Era Verde” que apontou uma tendência significativa do interesse do brasileiro por questões ambientais e, surpreendentemente, independente de escolaridade ou renda, uma forte adesão a valores ambientalistas e a preferência deles em relação aos valores materiais. Diante disso, abrimos a sessão para falar de algumas das muitas brasileiras que foram destaque em pautas ambientais no Brasil, das quais algumas são de relevância e referência mundial.

Um dos nomes de destaque na história do ambientalismo brasileiro, foi da engenheira agrônoma Anna Maria Primavesi (1920– 2020), de nacionalidade austríaca, porém radicada no Brasil, foi precursora da Agroecologia e contribuiu para avanços e desenvolvimento de estratégia de preservação de áreas degradadas utilizando adubo verde, controle natural de pragas e outras técnicas da ciência agroecológica. Atuou como professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e seu legado agroecológico segue até hoje, conquistando mais adeptos e seguindo como uma das soluções mais oportunas para a questão da crise alimentar no debate ambiental.

Giselda Castro (1923– 2012) e Magda Renner (1926– 2016) gaúchas pioneiras ícones e pioneiras do movimento ambientalista no Rio Grande do Sul, ajudaram a pautar a Constituinte de 1988 e a transformar a discussão sobre meio ambiente no Brasil. Ambas adotaram a bandeira do feminismo e se tornaram algumas das vozes mais ativas do

movimento ambientalista brasileiro. Fundaram também instituições pró-causa ambiental e foram honradas com algumas premiações por seus trabalhos.

Graziela Maciel Barroso (1912– 2003) naturalista, botânica, pesquisadora e professora universitária brasileira, atuou com maestria na área da taxonomia de plantas e ficou conhecida como a Primeira Dama da Botânica no Brasil. Vale destacar que, nessa época, as preocupações ambientais ainda não estavam voltadas para o estudo das plantas, pois como destaca McComick (1992) pensar na preservação de alguns animais específicos era mais conveniente, visto que era um problema mais “palpável” e a solução parecia igualmente mais perceptível aos olhos. Barroso foi a primeira mulher naturalista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e atuou estudando e classificando plantas de diferentes regiões do país, se tornando referência na área de sistemática vegetal e tendo ainda 25 espécies vegetais batizadas com seu nome em sua homenagem. Esse caso em específico, pode ser considerado deveras pertinente, visto a variedade da flora brasileira e a necessidade do estudo de tal categoria no período.

Neiva Guedes (1956) bióloga e renomada ambientalista conhecida por seu trabalho incessante na conservação da arara-azul, espécie em extremo risco de extinção no Brasil. Por seu nobre trabalho, Guedes também foi premiada e seu exemplo permanece.

Flávia Miranda médica veterinária, se destacou na conservação dos xenarthras (tamanduás, tatus e preguiças), catalogou seis novas espécies do mamífero, o que lhe rendeu premiações, e fundou o Instituto Tamanduá que funciona até os dias atuais com um papel fundamental para a conservação da biodiversidade. Miranda também se tornou membro do Grupo de Especialista em Xenarthras da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), desde 2008, da Suíça e continua fazendo pesquisas na área. Vale destacar que também trabalhou com outros animais silvestres, como na África do Sul, com diferentes mamíferos, na Antártica com pinguins, na Amazônia com roedores, dentre outros. Apoiando e fundando também, outras ONGs além do Instituto Tamanduá e acumular vários outros feitos acadêmicos e trabalhos de campo para conservação ambiental de abrangência nacional e internacional (INSTITUTO TAMANDUÁ, 2023).

Beatrice Padovani bióloga, ecóloga, pesquisadora, professora, brasileira e uma das pioneiras nos trabalhos honrosos de conservação da vida marinha brasileira. Padovani trabalha ainda, em parceria com comunidades tradicionais, na luta pela preservação da natureza, possui diversas publicações renomadas e faz parte de vários grupos ambientais da vida marinha, além de premiações.

Karen Strier (1959) antropóloga, uma referência da primatologia no mundo, se destacou por suas pesquisas com o miqui-do-norte, espécie ameaçada de extinção e um dos

primatas mais raros do mundo, durante 38 anos. Apesar de não ser natural do Brasil, desenvolve suas pesquisas e passou boa parte de sua vida no país trabalhando no estudo dos muriquis (CICLOVIVO, 2023).

Patrícia Médici bióloga e ambientalista, ficou amplamente conhecida pelo trabalho que desenvolveu de proteção à anta brasileira com pesquisas na área. Médici ganhou a maior premiação de conservação ambiental do mundo, o Whitley Gold Awards.

Marina Silva (1958) historiadora, professora, psicopedagoga, ex-líder seringueira, ambientalista e política brasileira é uma ativista ambiental que antes de ser mais conhecida por sua carreira de desempenho político era ativa em causas ecológicas, tendo sido companheira de Chico Mendes e juntos fundado a Central Única dos Trabalhadores (CUT) no Acre. Atualmente, Marina é uma referência global quando se trata de nomes pela defesa da Amazônia, por sua luta ganhou vários prêmios internacionais reconhecendo seu esforço e segue sendo uma referência de determinação e superação no movimento ambientalista sendo uma porta-voz muito pertinente (MARINA SILVA, 2023); (LAGOS *et al*, 2014). Atualmente, no ano de 2023, atua como Ministra de Estado do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil.

Neca Marcovaldi (1958) oceanógrafa, co-fundadora do Projeto Tamar e pesquisadora da área, escreveu diversos trabalhos e foi fundamental para os estudos da conservação marinha e estudo das tartarugas, inclusive era do grupo dos estudantes pioneiros que relataram as primeiras aparições de tartarugas-marinhas no Brasil. Marcovaldi fez um trabalho brilhante e seu legado perdura até hoje com reconhecimento nacional e internacional, rendendo também várias premiações (AMARAL, 2022).

Maria Tereza Jorge Pádua (1943) bióloga e ambientalista, uma das pioneiras na luta pela conservação da biodiversidade brasileira e reconhecida por sua luta incansável na implementação de reservas e parques no país. Foi a fundadora do Parque das Aves em Foz do Iguaçu e a primeira mulher a ser eleita para a Academia Brasileira de Ciências.

Sonia Guajajara (1974) líder indígena e ativista ambiental com graduação em letras e enfermagem, luta pelos direitos dos povos originários e pela natureza. Com seu trabalho reconhecido internacionalmente pela luta em defesa dos povos indígenas, fez parte da Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (COAPIMA) sendo uma referência do estado e atualmente, ano de 2023, atua como Ministra dos Povos Indígenas do Brasil (GOV, 2023).

Dorothy Stang (1931) freira e ativista social dos Estados Unidos radicada no Brasil, trabalhou com agricultores carentes e defendeu seus direitos na região da floresta amazônica

no Brasil, foi muito conhecida por tentar proteger a floresta e proteger as pessoas que moravam lá. Infelizmente, foi assassinada a tiros em 2005, por sua posição de defesa da natureza, perigo que todos os ativistas ambientais eventualmente correm.

4. NOÇÕES E SIGNIFICADOS DE NATUREZA E DO FEMININO NA QUESTÃO AMBIENTAL

Em todos os aspectos, pensamos em revoluções e evoluções, vamos repensar os modos de vida e relações de poder, arquitetando novas hierarquias. Assim, a partir daqui vamos analisar alguns aspectos e questões histórico-geográficas que podem ter influenciado no resultado que vemos atualmente entre homens e mulheres no cenário ambiental.

Essa evolução culmina, na fase atual, onde a economia se tornou mundializada, e todas às sociedades terminaram por adotar, de forma mais ou menos total, de maneira mais ou menos explícita, um modelo técnico único que se sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos (Santos, 1991). Um modelo único de organização da sociedade foi adotado e nele as mulheres são oprimidas e apagadas historicamente e estrategicamente.

Morin (2000) explica que “a democratização das sociedades ocidentais foi um longo processo que continuou de maneira muito irregular em certas áreas, como o acesso das mulheres à igualdade com os homens no casal, no trabalho e na carreira pública” (LAGOS *et al*, p. 67, 2014). Nesse sentido, podemos entender como padrões de comportamentos sociais podem refletir nos movimentos sociais, as mulheres estiveram historicamente atrás e com a função, não valorizada, dos cuidados.

Nesse arranjo, vale destacar também que “não levar em conta a multiplicidade de prismas sob os quais se apresenta aos nossos olhos uma mesma realidade pode conduzir a construção teórica de uma totalidade cega e confusa” (SANTOS, p. 696, 1995). Ou seja, precisamos olhar sob diversos ângulos e de diversas perspectivas a questão homem e mulher na causa ambiental, para então, entendermos como a situação se estrutura atualmente e quais são os impactos diretos e indiretos disso.

Tratando da inserção da mulher no debate ambiental, Fiúza (1997, p. 180) apresenta:

O primeiro marco que suscitou a associação mulher/meio ambiente foi o surgimento do conceito de ecodesenvolvimento, lançado por Maurice Strong, na década de 70. Essa noção explicitava uma concepção de desenvolvimento adaptado às áreas rurais do Terceiro Mundo e a uma utilização criteriosa dos recursos, tendo como meta o não-comprometimento da natureza (Layrargues, 1997). Essa preocupação trouxe à tona dois fatores decisivos para que a mulher também fosse percebida como portadora de mais afinidade com a natureza do que o próprio homem. O primeiro deles seria a visibilidade da mulher nas zonas rurais do Terceiro Mundo face à migração do homem para os grandes centros urbanos em busca de emprego. Categoria expressiva, a mulher rural passou a ser vista como um ser indispensável à realização de planos e projetos ambientalistas. O segundo fator decisivo daquela associação foi mais de caráter cultural: a representação social da terra como ente

feminino (como na metáfora) vinculava atributos da natureza –receber semente gerar frutos– à condição da mulher, como ser mãe e amamentar filhos.

Precisamos atentar para o fato de que “a crítica à mercadorização da natureza, do trabalho e da mulher fora do eixo dos países do Norte, por si só não oferece alternativas ao modelo de sociedade capitalista ocidental” (FIÚZA, 1997, p. 179), são precisas ações práticas nesse sentido. A autora destaca ainda, nas falas de Moraes e Duayer (1997, p. 179) as questões de igualdade, “ao mesmo tempo que o pensamento pós-moderno permite o reconhecimento da alteridade de outras vozes e abre perspectiva para a valorização de novas e instigantes formas de luta política, ele impede que essas vozes tenham acesso a fontes mais universais de poder”, ou seja, as mulheres podem ser maioria e estar em processo de emancipação, mas o acesso aos locais que possuem realmente, os mecanismos de dominação do poder, ainda lhes é restrito, elas trabalham na base e no serviço mais pesado estão em maioria, mas quem comanda e está nos cargos superiores, são os homens.

As referências que começam a moldar nosso pensamento a respeito do que a mulher representa são as mais antigas e sutis possíveis, para ilustrar nesse primeiro momento, podemos nos remeter ao conceito de mãe-natureza. A associação da natureza como “mãe” vem do Renascimento, antes da revolução científica do século XVII que transformaria a visão da terra de orgânica para mecânica, a natureza era vista como uma mãe, fêmea benévola, provedora das necessidades humanas, a que gera (FIÚZA, 1997).

Nesse contexto, em se tratando de figuras femininas como representantes da natureza, dentre vários exemplos, não podemos esquecer a imagem de Gaia. Primeiramente, vale destacar a própria origem etimológica do nome “Gaia”: deusa da mitologia grega „mãe terra“ „mãe natureza“. Explorando a mitologia grega e a história da Deusa Gaia encontramos que foi concebida como a personificação da Terra e da natureza, ou seja, “a natureza é mulher”. Ela simboliza fertilidade e renovação representando a capacidade de regeneração e crescimento da natureza, tal qual a mulher em seu papel reprodutor. Além disso, a parte protetora da vida: destacando o papel de Gaia como uma guardiã da vida, preocupada com o bem-estar de todas as criaturas e ecossistemas do planeta.

A nova imagem da mulher não foi um resultado ocasional das transformações sociais que tiveram lugar no século XVIII. Ela foi, como demonstrou Leiselotte Steinbrugge, uma construção deliberada pelos filósofos do Iluminismo, que empreenderam um discurso extensivo sobre a natureza da mulher. Particularmente Diderot e Rousseau, entre outros, desempenharam um papel chave na construção da nova mulher como o gênero moral, a maternidade, de uma proximidade à natureza. Esta mulher tinha de ser excluída do âmbito da

política e da economia, da arena pública, governado pela razão (masculina). Tinha de ser naturalizada e ao mesmo tempo privatizada numa sociedade que, de acordo com Steinbrugge, excluía certos sentimentos do seu código de interação social pública, principalmente a consideração da misericórdia, da piedade, da qualidade humana e até as considerações morais. A mulher torna-se o “gênero moral”. Nesse sentido, a feminilidade transforma-se no princípio feminino, como explicam Maies e Shiva, 1993. Em outras palavras, a mulher está totalmente atrelada à sensibilidade e isso não cabe nas esferas públicas de poder que devem ser comandadas pela razão, a imagem masculina, de acordo com o pensamento dominante enrustado.

Diante de uma imagem tão moldada da mulher como cuidadora, sensível e responsável pela natureza, podemos refletir com Braidotti *et al* (1994) se realmente todas as mulheres do mundo se preocupavam “naturalmente” com o estado do meio ambiente acima de outros problemas que encaram diariamente ou se são as mulheres vítimas especiais da destruição do seu meio ambiente. Pensando em apenas reproduzir conceitos que são entregues prontos e reproduzir comportamentos históricos mas agirmos como cidadãos críticos e questionar a realidade.

Gadotti (2005, p. 07) acrescenta ainda que:

Seria preconceituoso dizer, por exemplo, que a relação entre gênero e meio ambiente se dá fundamentalmente porque as mulheres são mais sensíveis, são mais cuidadosas com o meio ambiente e preocupam-se mais com a natureza do que os homens.

Inocêncio (2013) citando Scott (1995) aponta para o aspecto relevante da construção da história da mulher paralela a do homem, no processo de construção histórica, o que escutamos primeiramente e em sua maioria, são os feitos dos personagens masculinos, pouco sabemos das mulheres, que em sua maioria ficava com o serviço doméstico e sem protagonismo e mesmo as que conseguiram grandes feitos, não são citadas na “história principal”, sem contar o fato que precisam fazer o triplo que um homem faz para serem reconhecidas pelo mínimo. Nesse sentido, podemos deduzir que muito se perdeu e talvez nunca há de ser sabido, visto que não foram realizações masculinas, ou seja, não precisavam entrar para a história. A privação da mulher de participar da ciência do conhecimento, fala muito sobre a realidade atual, “o reconhecimento da contribuição da mulher, antes de tudo, na construção da Ciência é condição *sine qua non* para identificar, nas bases do conhecimento científico, as origens da problemática ambiental” (INOCÊNCIO, p. 8-9, 2013).

No decorrer da história, percebe-se a passagem de poder de um determinado grupo para outro e quem detém o poder conta a história, como visto anteriormente, pois tem o

controle do território e do que acontece nele. Raffestin (1993, p. 58) explicava sobre isso quando dizia “o poder visa o controle e a dominação sobre os homens e sobre as coisas” e ainda destaca, que os poderes não são distintos um do outro, antes, trabalham todos juntos em um único objetivo, manter os interesses de quem comanda por meio do controle da informação.

Sendo co-extensivo de qualquer relação, torna-se inútil distinguir um poder político, econômico, cultural etc. Sendo toda relação um lugar de poder, isso significa que o poder está ligado muito intimamente à manipulação dos fluxos que atravessam e desligam relação, a saber a energia e a informação (RAFFESTIN, p. 53-54, 1993).

“A técnica é a grande banalidade e o grande enigma, e é como enigma que ela comanda nossa vida, nos impõe relações, modela nosso entorno, administra nossas relações com o entorno”. (SANTOS, p. 100, 1992). As estratégias que serão utilizadas para manutenção das esferas de poder são essenciais para se saber em que direção a sociedade está caminhando, a técnica nesse sentido é fundamental.

Ao realizarmos uma análise histórica das preocupações ambientais, pudemos perceber como desde o início todos os personagens envolvidos são masculinos e poucos registros são encontrados sobre o papel que as mulheres estavam tendo nesse cenário, fruto das relações de poder dominantes, mesmo assim, ainda vemos um forte engajamento, como no caso citado das manifestações contra o abate de aves para uso na confecção de roupas.

Raffestin (1993) foi muito perspicaz, quando escreveu brevemente, sobre a ideia de que poderíamos imaginar o estudo dos sistemas de representação ligados com as classes que detinham o poder através da História e nos depararíamos com questões bastante intrigantes que revelariam a natureza das diferentes dominações que pesaram sobre o mundo. Nesse sentido, podemos entender por que e como a história foi moldada conforme os agentes específicos do poder que estiveram na liderança, que claramente não foram mulheres.

Para a manutenção do poder precisa-se operar por meio de um dispositivo, que se apresenta como um mecanismo de normalização e controle, de caráter heterogêneo para além dos governos e instituições, ele opera nas minúcias procurando operar sutilmente continuando com sua função, dentre outras, de regularização e controle da população (ÁVILA; RIBEIRO; HENNING, 2016).

Nesse sentido, Foucault (1980, p.86) explica:

[...] absolutamente heterogêneo com relação aos novos procedimentos de poder que funcionam, não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei, mas pela normalização, não pelo castigo, mas pelo controle, e que se exercem em níveis e formas que extravasam do Estado e seus aparelhos.

Assim, pode-se perceber, como as imposições de poder e o dispositivo que ele opera são sutis para conseguir manter um padrão, sem que as pessoas percebam que estão sendo manipuladas por algum sistema superior.

“A insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das intersecções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro das „mulheres” (BUTLER, 2003, p. 35), ou seja, a diversidade foi desconsiderada e um padrão do que é ser mulher foi imposto globalmente. Assim, “os significados e noções de natureza e meio ambiente diferem homens e mulheres, mas também entre homens e entre mulheres” (ÁVILA; RIBEIRO; HENNING, p. 106, 2016).

Notamos então, a propagação de técnicas de controle para a produção dessa nova sociedade. Pensando na questão ambiental, quais técnicas de controle estão presentes? Como vimos, o dispositivo da Sustentabilidade opera nos detalhes e perpassa toda a sociedade, do sujeito à população; assim, percebemos campanhas publicitárias para a Sustentabilidade, o consumo sustentável, a criação de espaços verdes próprios para a conservação da natureza, projetos e programas com metas e objetivos para a Sustentabilidade do planeta em todas as áreas, incluindo a educação. Nesse sentido, destacamos outra característica do dispositivo: ele nunca opera sozinho (ÁVILA; RIBEIRO; HENNING, p. 100, 2016).

Aqui podemos abrir espaço para colocar como suporte ao dispositivo, em um cenário moderno, as propagandas no geral, por exemplo, que reforçam papéis para as mulheres, como as de produtos do lar usando figuras femininas e mesmo a imagem das mulheres para vender produtos mais “delicados” e a imagem do homem para o contrário, e se nos remetemos à natureza, temos a figura masculina como o destruidor e a figura feminina como amiga e redentora desse mal, ou mesmo sendo a própria natureza (vide figuras históricas como a mãe-natureza e Gaia).

O que temos apresentado nada mais é que, uma exclusão histórica da classe feminina das esferas de poder e decisão política e social moldando a sociedade em um padrão uniforme, Raffestin (1993, p. 132) fala sobre isso quando explica que “várias estratégias, que vão da exploração à supressão ou à tentativa de supressão das diferenças” são usadas para manutenção do poder, ou seja, desse ponto de vista, podemos entender como a utilização do poder gerou esferas de exclusão, que impediram um papel mais ativo, inicialmente, das mulheres na causa. E segue, com “[...] as diferenças raciais e étnicas [...] servem para alimentar um preconceito útil à afirmação de um poder. São numerosas as razões desse preconceito [...]. Mas as finalidades são sempre [...] reforçar uma dominação”.

Raffestin (1993, p. 168) deixa bem claro que “a função de controle tem por dever inspecionar a circulação dos homens, dos bens e da informação de uma maneira geral”, ou seja, como mencionado o poder sendo exercido por meio do controle geral nada mais é que uma forma de manutenção das esferas de comando.

O autor supracitado também nos lembra que a partir do momento em que os atores saem de uma condição “passiva” e começam a ser “ativos”, temos o início dos protestos que liberam uma informação de transformação e assim temos os movimentos se unindo em defesa de suas causas, como por exemplo a emancipação feminina e a restauração dos equilíbrios naturais.

A geopolítica vê o poder territorial hierarquizado: o poder vem do alto e o poder se apoia em áreas, cujas posições relativas permitem ao Estado controlar o meio. (RAFFESTIN, 1993, p. 199).

Inocência (2013) citando Leff (2011) alerta para a dificuldade de consolidação de modelos alternativos de desenvolvimento, nesse caso descentralizando o poder masculino, visto a facilidade de controle que a operacionalização do poder pela ordem homogeneizante e unidimensional proporciona. Em outras palavras, quem comanda soberanamente não há de querer partilhar o poder com minorias em prol de uma causa social, quem está no poder, quer se manter no poder.

Raffestin (1993) observa que sociedades com fortes domínios territoriais são caracterizadas por fluxos consideráveis de informação, ou seja, tal ferramenta se apresenta como um fator fundamental para manutenção do poder, funcionando como uma espécie de manipulação da consciência coletiva.

Em se tratando da propagação da informação, Raffestin (1993, p. 218) escreve:

Todas as redes que interessam à comunicação de massa e à comunicação interpessoal, obedecendo a uma estrutura formal, são instrumentos de poder, estreitamente controlados na maioria dos casos, pois permitem encerrar uma população numa trama informacional que as super determina em relação às estratégias das organizações.

E ainda destaca:

É exatamente por isso que os atores políticos ou econômicos se garantem no domínio das redes de comunicação: imprensa, rádio, televisão, correio, telégrafo e telefone (p. 220).

Nesse sentido podemos “evidenciar as relações de poder, as formas com que somos capturados pelos dispositivos e seus efeitos nos saberes e fazeres ambientais (ÁVILA; RIBEIRO; HENNING, p. 106, 2016)”, sem saber reproduzimos comportamentos impostos e isso reflete diretamente nos mais variados aspectos, como aqui em específico, no fazer pró-causa ambiental.

Garcia (1992, p. 167) complementa ainda que:

Desta forma, existe uma divisão do trabalho, da propriedade e do poder, baseada em classes, etnia, raça e gênero. Estas categorias estruturam as interações das pessoas com a natureza e, portanto, estruturam os efeitos das mudanças ambientais em pessoas específicas, e as respostas das pessoas a estas mudanças. E mais: onde o conhecimento sobre a natureza é experimental na sua base, as divisões de trabalho, propriedade e poder que moldam essas experiências é que dão forma ao conhecimento. Concluindo, as construções ideológicas sobre gênero e natureza, e sobre o relacionamento entre os dois, devem ser vistas como parte interativa desta estrutura, mas não como o todo dela. Em termos de ação, haveria uma necessidade de transformar não só as noções sobre gênero como também a atual divisão de trabalho e de recursos entre os gêneros.

No geral, percebemos o discurso da conservação abordado de uma perspectiva puramente biológica e técnica, sem considerar a relação que os homens e as mulheres possuem com o meio e sem considerar suas diferentes formas de organização, nas relações que os seres humanos possuem entre si e com os outros objetos da natureza, fica o alerta da abordagem arriscada para conclusões generalizadas (ABRAMOVAY; CASTRO, p. 36, 2005).

As distintas maneiras como lidamos com a causa ambiental são moldadas o tempo todo e precisamos estar atentos para não cair em conceitos universais que não abrangem as diversidades.

Ávila; Ribeiro; Henning (2016, p. 108) mostram:

o modo como olhamos, interagimos e protegemos a natureza, é produzido com base em uma visão historicamente desenvolvida. Precisamos reconhecer essas múltiplas visões e considerar as outras características que conferem a realidade como a produção humana, por exemplo – para além de um antropocentrismo em que os seres humanos se encontram longe da natureza ou dependentes e, assim, necessitam conservá-la.

E sobre a atuação, pensando na Educação Ambiental (EA), Garré (2015, p.42) explica que:

No dispositivo da EA há uma certa objetivação de sujeitos que se dá através de ensinamentos quanto às condutas e comportamentos adequados em relação às necessidades ambientais. A todo momento, os sujeitos são acionados, acessados nas malhas desse dispositivo, sendo convidados ou convocados a se inserirem num processo de mudança, de transformação de atitudes, que repercutam positivamente a favor da vida do Planeta.

Diante da breve análise realizada e da síntese histórico apresentado, notamos que “a introdução da variável gênero nas organizações de desenvolvimento e nas ambientalistas não pode ser pensada de maneira automática. Trabalhar a relação entre gênero e desenvolvimento sustentável não é fácil, nem no plano teórico, nem no plano metodológico, nem na prática” (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005, p. 55).

Como disseram Abramovay e Castro (2005, p. 37-38), “para se chegar a um novo modelo de desenvolvimento, todos os atores e atrizes sociais tem de ser contemplados, considerando-se suas vozes. É dentro dessa ótica que chamamos a atenção não só para a

incorporação das mulheres em análises das necessidades práticas existentes, como para a utilização da perspectiva de gênero para o estabelecimento de políticas sociais mais justas e equitativas”.

Assim, partiremos para um breve tópico sobre a sensibilidade ambiental na figura feminina refletida pelo mundo, com uso de alguns exemplos de estudos de universidades e pesquisas informais, para ilustrar alguns cenários construídos historicamente.

4.1 Sensibilidade ambiental e as mulheres

Na contemporaneidade, temos vários exemplos de como as relações históricas, geográficas e sociais no decorrer da história da sociedade impactaram indiretamente, ou diretamente, no comportamento moderno.

Muitos dos cenários que vemos hoje são reflexos de anos de manutenção de costumes e modos de pensar/viver que sutilmente, ou não, foram alastrados e resultaram em situações inquietantes que temos hoje. No caso das atitudes ambientais suscetíveis à conservação ambiental, diferentes estudos demonstram a sensibilidade feminina às ações e atitudes sustentáveis.

Um estudo publicado no *Sage Journals* no boletim de Personalidade e Psicologia Social sob o título “*A Focus Theory of Normative Conduct: When Norms Do and Do not Affect Behavior*” apontou dados que sugerem que mulheres geram menos lixo que homens e estão mais preocupadas com a questão de resíduos nas ruas, tanto os que elas poderiam jogar quanto jogado por terceiros.

Na publicação “*New Ways of Thinking about Environmentalism: Elaborating on Gender Differences in Environmentalism*” do *Journal of Social Issues* uma pesquisa revelou, baseada em revisão bibliográfica dos anos de 1988 a 1998, que as mulheres relatam atitudes e comportamentos ambientais mais fortes do que os homens. Além dos estudos de caso das autoras, temos mais uma vez suscitado o debate levantado a questão que “em comparação com os homens, as mulheres tinham níveis mais altos de socialização para serem orientadas para outras pessoas e socialmente responsáveis”, ou seja, a manutenção histórica dos diferentes tratamentos que resultam em comportamentos distintos quando consideramos a problemática ambiental.

Uma pesquisa realizada pela BBC News com mais de 14.000 americanos, revelou a confirmação de alguns estereótipos: os homens são mais propensos a comer carne que as mulheres. Isso pode estar relacionado com muitos fatores como, por exemplo, o fato das mulheres historicamente precisarem se preocupar mais com a beleza – não engordar nesse

caso – então preferirem comidas menos calóricas como saladas e frutas. Embora essa pesquisa tenha sido realizada especificamente com americanos, outras pesquisas mostraram que em vários países há diferenças significativas na maneira como homens e mulheres costumam se alimentar, sem considerar ainda o fato de que muitas das vezes a responsável pela alimentação nas casas é a mulher, porém à medida que as relações de gênero mudam, esse quadro pode mudar.

Em um artigo para o *Journal of Consumer Research* sob o título “*Is Eco-Friendly Unmanly? The Green-Feminine Stereotype and Its Effect on Sustainable Consumption*” os autores do mesmo apresentam um debate amplo sobre por que os homens são menos propensos do que as mulheres a adotar produtos e comportamentos ecologicamente corretos, para além das questões históricas de diferenças entre os sexos propõe-se “que também pode resultar parcialmente de uma associação predominante entre comportamento verde e feminilidade e um estereótipo correspondente (mantido por homens e mulheres) de que os consumidores verdes são mais femininos” [tradução livre da autora], ou seja, eles rejeitam comportamentos ambientalmente amigáveis pois tem receio de parecerem “menos homens”.

Em 2011, o Banco Mundial publicou um relatório que abordava a questão da igualdade de gênero apontando-a como um importante instrumento de desenvolvimento, pois removendo os entraves que impedem as mulheres de progredir haverá mais progresso, visto que atualmente elas representam mais de 40% da mão-de-obra global e 43% da força de trabalho, além de mais de 50% dos estudantes universitários do mundo. Vale destacar, que visto os esforços no sentido de empoderamento das mulheres desde então, esse número estatisticamente deve se encontrar muito maior.

Abramovay e Castro (2005, p. 46) relatam um caso específico de sindicatos, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), não estava despertando o interesse dos trabalhadores locais, porém graças a mobilização das mulheres nas assembleias dos sindicatos, que os homens se sentiram pressionados a tomar alguma atitude a respeito, especificamente pressionar o Banco para liberar financiamento aos agricultores da região, fato totalmente inconcebível antes.

5. O ATIVISMO AMBIENTAL EM SÃO LUIS DO MARANHÃO E AS EXPERIÊNCIAS SINGULARES

Nesse capítulo apresentam-se resultados das entrevistas abertas aplicadas para 05 (cinco) informantes-chaves, ativistas ambientais, mulheres que atuam nas questões ambientais em São Luís.

5.1 Mais mulheres ou homens no ativismo ambiental?

A primeira pergunta feita para as entrevistadas foi se, num geral, elas conseguiam perceber a presença e colaboração de mais homens ou mulheres engajadas com a causa e envolvidos de alguma forma com o ativismo ambiental.

A entrevistada 1, respondeu que, quando está nas ações ambientais observa “*sempre só mulheres, tem alguns lugares que não têm homens*” e acrescenta que, *como trabalha em áreas rurais as mulheres não tem com quem deixar as crianças e as levam para as ações, que ficam ao redor observando e alguns trabalhos tem até mesmo pensado em formas de incluí-las diretamente no que está sendo feito, o que torna tudo muito mais dinâmico.*

Nesse sentido, a entrevistada 1, destaca que percebe as crianças trabalhando juntas, meninas e meninos, e acrescenta que “*essas questões de problemas de gênero são com adulto, criança não tem isso. Ficam todos juntos aprendendo com as mães*”. Podemos perceber aqui um claro exemplo de como os papéis de gênero são construções sociais, afirmados por Maies e Shiva (1993) na construção da feminilidade e Garcia (1992) na divisão social do trabalho, em específico aqui, no trabalho ambiental.

A entrevistada 2 relatou “*se formos fazer um resgate histórico, por questão de falta de oportunidade mesmo (para as mulheres), os homens sempre se destacaram [...] porém acho que o incremento da participação feminina, principalmente no protagonismo jovem, tem crescido muito nas últimas décadas com as mulheres conseguindo ganhar mais espaços e no Maranhão, especificamente, vejo não só as educadoras mas várias líderes de movimentos, representantes em entidades que tenham relação com nossa ação (ambiental) como o Conselho Estadual de Educação (CEE) e o IEMA ganhando espaço*” e destaque para “ocupando espaços de poder”. Como Raffestin (1993) explica sobre a emancipação de algumas classes se tornando „ativos“ começamos as revoluções, e aqui temos os resultados dos esforços para emancipação feminina, como dito pela entrevistada, mesmo que lentamente, mais mulheres ocupando espaços de poder.

A entrevistada 3 afirmou que: “*mais mulheres, temos mais mulheres metendo a cara e defendendo a pauta e aqui no Maranhão, temos representantes masculinos na base do*

jurídico, como suporte no direito ambiental, mas ativistas na causa ambiental majoritariamente são mulheres sim, a frente de conselhos, secretarias municipais, organizações cívicas, redes de ambientalistas...uns 90% são mulheres". Com essa fala podemos perceber sutilmente os papéis históricos agindo, os homens em posições de mais destaque, apenas para ser o poder que guia as ações, aqui em específico no jurídico.

A entrevistada 4, disse: *mais mulheres com certeza [...] nos projetos que participei mais membras nos clubes, mais colaboradoras mulheres, mais professoras mulheres [...] quem sempre está mais ativa e disposta a conversar sobre isso são as mulheres [...] historicamente isso foi se construindo, primeiro a mulher cuidava da casa, depois as bruxas com as ervas medicinais [...] e curioso pensar que conforme as mulheres foram conseguindo aparecer mais o debate ambiental também apareceu mais*. Percebe-se uma sincronia na fala da entrevistada ao apresentado por Inocêncio (2013), quando destaca a construção histórica da figura da mulher e seu papel em casa. A figura da bruxa como ligada à natureza nos remete às figuras históricas utilizadas da mãe-natureza e Gaia, sempre a mulher atrelada à natureza seja de maneira boa ou „má“.

A entrevistada 5 falou que: *Os movimentos socioambientais tem muito dedo feminino [...] no Instituto que coordeno a diretoria toda é feminina [...] todas as outras instituições sociais que mantenho contato também tem muito protagonismo feminino, acredito que tem a ver com o olhar diferente da mulher, ela que faz as tessituras, em nível comunitário, por exemplo, e temos também o viés de que, por exemplo, a mulher ficou com os cuidados da casa como se os cuidados da casa não fossem de todos para todos [...] historicamente em nossas sociedades à mulher coube o cuidado, cuidado inclusive não remunerado (no lar) [...] e eu penso que isso se reflete nos movimentos socioambientais, os movimentos acabam absorvendo isso*. Aqui vemos novamente a referência a Inocêncio (2013) e outros autores, relembrando o papel histórico da mulher no lar. A entrevistada ainda acrescenta: *mas aí, você vai ver os espaços de decisão, os espaços de poder e eles continuam sendo protagonistas, continuam sendo protagonizados por homens [...] importante que as mulheres façam frente a isso*.

Fiúza (1993) citando Moras e Duayer lembra muito bem esse recorte, quando sugere a questão da mulher ter mais espaço, mas ao mesmo tempo ser privada dos espaços de poder e tomada de decisão. A entrevistada também acrescenta curiosamente que *“os movimentos sociais estão sempre na frente, enquanto as esferas de poder público chegam falando de alguma temática ambiental para discutir, os movimentos sociais já falam disso há séculos, mas não são ouvidos, eles (o poder público) são reativos chegam com políticas públicas*

tempos depois que já estamos cansados de falar que precisamos de políticas públicas” e finaliza “observo isso mesmo, muito protagonismo feminino nos movimentos sociais”.

5.2 Diferenças comportamentais entre homens e mulheres no movimento ambientalista

Entrevistada 1: *Não é pelo dinheiro, que com certeza vai vir depois de algumas ações nesse sentido (ela se refere à economia sustentável), elas estão ali pela natureza, a grande mãe, e por coincidência sempre estão também com as crianças ao redor.* E ainda fala em relação à disponibilidade para o serviço e trabalhos pesados que: *as mulheres tem mais sensibilidade nessa questão, não se importam de ficar sem conforto por uns dias para ter dados de alguma pesquisa em algum lugar específico, por exemplo, no mangue ou algo assim, são empenhadas e na lida com a reciclagem e alguns outros trabalhos mais pesados e manuais, vejo mais mulheres, talvez em 90%, mesmo nesses cenários elas são maioria aqui.* No primeiro grifo da fala da entrevistada 1, temos uma referência perfeitamente cabível ao debate de Joseph Petulla (1980) e a alguns exemplos históricos quando tratamos do cuidado da natureza pela vertente econômica, aqui um cenário em que, na sua maioria, mulheres, entra na causa pelo propósito da causa em si e os homens pensam nos lucros que podem ser advindos.

A entrevistada 2 respondeu: *Eu acho que a característica principal da mulher em tudo que faz é dar um toque de mais humanidade, sensibilidade, mais relação com o outro, de mais acolhimento e isso historicamente, mas no trato diário das ações em espaços de governança e reuniões técnicas isso é mais sutil, porém quando precisamos tratar de lidar com pessoas as mulheres com certeza se destacam, com uma colhida melhor fortalecendo os grupos”* e finaliza *“temos uma diferença nata que é mais perceptível a longo prazo, no fortalecimento de redes, ações [...] se você tiver uma visão de curto prazo não vai conseguir ver isso [...] as mulheres conseguem ter uma visão de mais empatia a longo prazo para tomar decisões.* Percebe-se um reflexo claro da construção da feminilidade histórica que representa, no geral, as mulheres com essas características.

A entrevistada 3 afirmou: *As mulheres compreendem a causa ambiental estruturada em causas sociais, como racismo ambiental, combate ao feminicídio, valorização social, que é quando a gente traz pra dentro do movimento ambientalista aquelas pessoas que já estavam lá antes do movimento ambientalista existir como os catadores e as cooperativas de materiais recicláveis. Então, as mulheres tem uma sensibilidade maior a compreender questões sociais, questões de raça e sexo que os homens não identificam [...] eles estão muito pautados na questão jurídica em sua grande maioria, no geral eles tem uma visão mais técnica [...] e*

esquecem de outros pontos importantes de estruturação. Ela conclui: a diferença que observamos é que os homens não têm essa visão social mais abrangente na causa ambiental, eles estão mais focados em uma militância direta que dá mais visibilidade e as mulheres tem uma visão mais social [...] pautadas em figuras como Chico Mendes e Rachel Carson [...] além do mais as mulheres tem mais sensibilidade e facilidade para se comunicar. Enquanto as mulheres são historicamente criadas, em geral, para serem compreensivas e saberem conversar o mesmo não ocorre com os homens, o que resulta em cenários como esse.

A entrevistada 4 falou: *Sinto que as mulheres se comportam mais ativas, os homens têm o conhecimento, mas não aplicam e as mulheres estão mais na frente, enquanto os homens apenas dizem ok, sei que tem que fazer isso, mas vão fazer outra coisa. Mais um reflexo da proatividade feminina em contraste ao „desleixo“ masculino.*

A entrevistada 5 disse: *primeiro que acho que se a pessoa está realmente envolvida na causa ambiental já demonstra que ela tem um nível de consciência diferenciado, o que vai se ver são os problemas de gênero que a sociedade carrega, eu tenho uma sociedade machista e naturalmente isso vai entrar nos movimentos, a carga vem junto [...] não estamos isentos desses componentes que a sociedade em geral carrega (diz-se do machismo estrutural) o diferencial é que nos movimentos ambientais vamos levar isso para o debate e tentar logo resolver, dialogar [...] ainda que haja diferenças comportamentais, se elas estiverem comprometendo o processo, pra bem ou pra mal, o debate vai pra mesa, vai ser dito [...] o movimento é um espaço vanguardista, pensamos coisas a frente, ninguém tem medo de discutir [...] espera-se que um homem no movimento ambiental tenha um comportamento mais evoluído em questão de gênero, preconceito, machismo etc, mas se não tiver ele vai ter o „sopé“ lá no movimento mesmo, somos bons de briga, no diálogo, discutir.*

Abramovay e Castro (2005), explicam a necessidade desse diálogo orgânico a respeito do gênero, dentro dos debates de gênero no movimento ambientalista, perceber que, pelo menos no âmago dos movimentos em si, esse debate é realmente levado a sério, traz um otimismo para os avanços da discussão da temática em outras esferas.

5.3 Percepção a respeito do engajamento de homens e mulheres no ativismo ambiental

Nessa questão o objetivo foi conhecer a percepção das informantes-chaves a respeito do engajamento de homens e das mulheres no ativismo ambiental. Para tanto, a questão proposta, dava uma escala de 0 a 10 pontos com a seguinte questão: “Em uma escala de 0 a 10 o quanto você percebe as mulheres dispostas/receptivas com a causa ambiental” e “Em uma

escala de 0 a 10 o quanto você percebe os homens dispostos/receptivos com a causa ambiental?”

As respostas principais estão organizadas no quadro abaixo (quadro 1) e as respectivas discussões sobre os resultados apresentadas logo em seguida.

Quadro 1: Respostas da 3ª e 4ª pergunta do questionário para as entrevistadas.

INFORMANTES-CHAVES	NOTAS MULHERES	NOTAS HOMENS
Entrevistada 1	10	7
Entrevistada 2	7	5
Entrevistada 3	8,5	7
Entrevistada 4 (respondeu duas notas, pois dividiu o grupo entre acadêmicos e não acadêmicos)	8; 5	6; 3
Entrevistada 5	8	6

Destaca-se que a entrevistada 1 justifica a segunda nota, alegando que foi generosa em consideração aos homens que ainda se empenham em aprender algo.

A entrevistada 3 ao relatar suas notas, destacou os homens algo por ego. outros estão dentro da causa jurídica, que auxilia muito quando necessário, principalmente quando tratamos de legislação e código ambiental e concluiu: *“ainda falta muito para eles avançarem no movimento ambientalista, mas vale ressaltar que esse papel em si (atuar no jurídico) é muito importante também”*.

A entrevistada 4, dividiu suas notas para o meio acadêmico e não acadêmico, dando respectivamente, nota 8 e nota 5 para as mulheres e para os homens nota 6 e nota 3, avaliando os contextos gerais que estão inseridos.

Diante desses resultados podemos perceber que independente de se adotar uma visão mais “pessimista” ou “otimista” da situação, há sempre uma diferença significativa em relação às notas, com as mulheres sempre saindo à frente, o que reflete perfeitamente todo o debate que vem sendo travado até aqui e chamando atenção para essa realidade que precisa ser trabalhada e mudada.

5.4 Mulheres na ação e homens nas lideranças: detalhes do ativismo ambiental

Nessa questão buscou-se saber se haviam aspectos extras a serem destacados pelas informantes. Nesse sentido a entrevistada 1 acrescentou que *o trabalho ambiental fica como feminino, quando tem um rapaz chamam logo de gay ou algo assim, dados que alguns*

estudos citados acima também mostram e sobre convencer outros homens que a causa ambiental não é só das mulheres, ela afirma “muda, mas não é rápido...precisa esperar e continuar contando histórias de conscientização e ter muita paciência”.

Ademais, ela destaca um aspecto que vimos refletir em um final trágico para algumas ambientalistas, dos exemplos históricos, o ativismo ambiental, no geral, é uma atividade muito arriscada e ela destaca que *a luta ambiental é difícil, pouco reconhecida e perigosa, pois a questão ambiental mexe com o poder.* Como salienta Raffestin (1993) o poder é uma estrutura delicada para se alterar e todas as investidas não-hegemônicas podem ser complicadas.

Ainda a entrevistada 1, ressaltou um aspecto pertinente: *são os pequenos grupos que participam da reconstrução, não são as grandes corporações e sim eles, esses movimentos pequenos que fortalecem o cuidado ambiental [...] trabalhos pequenos são de grande importância, onde você está, é lá que é o seu meio ambiente.* Ela finalizou dizendo que se precisa de *atitudes, não devemos ter vergonha de agir e nem medo.* Aqui podemos encaixar novamente a referência de Raffestin (1993), quando fala sobre as revoluções quando os grupos se tornam „ativos“, com certeza as ações de pequenos grupos de resistência que começarão a causar as mudanças estruturais, assim como foi no decorrer da história, mesmo que lentamente.

A entrevistada 2, explanou um pouco do contexto de vários anos na universidade, eu *vejo as mulheres ocupando mais as salas de aula e eventualmente nos projetos, a AGA (Agência de Gestão Ambiental) em especial possui uma presença feminina muito forte [...] temos 90% ou mais de participação feminina” e mais “num geral, apesar de não ter dados concretos percebo uma presença muito forte feminina na universidade (na área ambiental). Todas as gestoras da AGA foram mulheres, coincidência ou não, isso vale o registro.* Mais uma vez aqui a referência à resistência por parte das figuras oprimidas e os pequenos sinais de ascensão.

A entrevistada 3, destacou: *“a maior parte da representação política é de homens, se eles tiverem a mesma força de vontade das mulheres conseguimos avançar muito [...] assim como falta união das mulheres para eleger mulheres para representantes” e como exemplo extra na OAB a gente tem a comissão de desenvolvimento sustentável e a comissão de meio ambiente e resíduos sólidos, as três comissões são compostas exclusivamente por mulheres, não tem um homem compondo essa comissão [...] tivemos um painel sobre compensação de carbono e todos os representantes das empresas eram mulheres [...] uma pesquisa interna da Associação Comercial do Maranhão (ACM) apontou que todas as consultorias ambientais*

daqui do Maranhão são coordenadas, criadas e fundadas por mulheres [...] as secretarias de estado e municipais majoritariamente são coordenadas por mulheres” e finaliza “todas as cidades Lixo Zero do Brasil e do mundo foram coordenadas em seu desenvolvimento por mulheres nas equipes”.

A entrevistada 4, finalizou: *“participei de alguns projetos e percebi que algumas lideranças que apareciam mais eram masculinas e nas bases, fazendo todo o trabalho eram apenas mulheres [...] e os responsáveis mantinham outros homens na continuidade do trabalho para ficar a frente, mesmo que não estivessem no „trabalho pesado” [...] e sobre os trabalhos por aqui (ambientais) nem tenho muitas indicações de homens para indicar como referência, são escassos” e finaliza com uma perspectiva a respeito dos jovens “tivemos alguns eventos para protagonismo jovem nessa área e só apareceram mulheres [...] alguns cursos também tem mais mulheres que homens e parece que eles procuram sempre uma postura diferente na hora de escolher pesquisa, por exemplo, „vou pesquisar o DNA de uma ave X” em vez de estudar a conservação genética dela [...] mais um exemplo interessante nesse sentido é que se eles tem algum animal de estimação, „pai de cachorro”, geralmente é um pitbull”. Aqui vemos mais uma vez alguns exemplos de como os papéis de gênero sutilmente adentram em tudo e refletem em comportamentos como os citados nos exemplos, homens com comportamentos ambientalmente amigáveis, mas comportamentos „machos”.*

A entrevistada 5, acrescentou: *“percebo que as bases são formadas por mulheres, que estão no trabalho mais ativo [...] quando estamos nos níveis programáticos temos as mulheres e quando subimos para as tomadas de decisões são homens [...] grande protagonismo feminino cercado de tomador de decisão homens [...] alguns estão lá pelo sobrenome [...] as mulheres que estão lá vem a reboque do sobrenome de um homem, elas precisam do poder de um homem infelizmente [...] claro que dou apoio a elas, em uma perspectiva de gênero o olhar é diferente [...] em todos os espaços o machismo é estrutural, o pensamento impregnado nas estruturas é machista [...] a gente (mulheres) com a mão na massa e em geral os homens tomando as decisões, nas corporações, espaços de poder público.*

Aqui mais uma vez vale lembrar Fiúza (1993) citando Moraes e Duayer tratando da forte presença feminina nas esferas de trabalho ambiental, porém excluídas da tomada de decisão e acesso ao poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre o debate da representatividade feminina dentro do movimento ambientalista, estão apenas começando, a ascensão da figura feminina dentro das esferas de poder, mesmo com tantos avanços da sociedade, está em fase de desenvolvimento, ainda que algumas ativistas trabalhem há muito tempo nessa perspectiva, o debate chega lentamente nas esferas públicas de tomada de decisão e poder. Nesse sentido, consideramos deveras pertinentes trabalhos que busquem referências e analogias históricas para a temática.

O papel da mulher na sociedade é uma construção histórica sutilmente moldada por quem detém os espaços de poder e como esse sistema se articula no território reflete no comportamento involuntário da sociedade através do tempo. Dito isso, entendemos a necessidade de pensar a educação para consciência e responsabilidade ambiental para homens e mulheres, sem detrimento de um ou outro.

A peça chave para começar a se obter resultados no sentido das ações ambientais, é pensar de maneira orgânica as problemáticas apresentadas, entendo que diferentes contextos, cenários e situações devem ser analisados dentro de suas particularidades, considerando o pluralismo.

Assim, consideramos entender a responsabilidade socioambiental como de toda a sociedade e não somente de alguma parcela, seja ela segregada por gênero ou outra categoria.

Se toda a humanidade tem causado impactos ambientais negativos ao planeta, todos devem trabalhar no sentido de mitigar essas ações danosas, em conjunto.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Jéssica. Bond da Conservação: Neca Marcovaldi. **GreenBond**. 2022. Disponível em: <https://greenbond.com.br/bond-da-conservacao-neca-marcovaldi/> . Acesso em: 29 maio 2023.
- ÁVILA, Dárcia Amaro; RIBEIRO, Paula Regina Costa; HENNING, Paula Corrêa. **NAS TRAMAS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: ANALISANDO O GÊNERO NA POLÍTICA GLOBAL**.
- ABOUT Hawk Mountain Sanctuary. Hawk Mountain Sanctuary, 2023. Disponível em: <https://www.hawkmountain.org/about-hawk-mountain-sanctuary> . Acesso em: 22 maio 2023.
- BARSTED, Leila. **Gênero e desigualdades**. CEPIA. Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://cepia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/generoedesigualdades.pdf> . 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRAIDOTTI, Rosi; CHARKIEWICZ, Ewa; HAUSLER, Sabine; WIERINGA, Saskia. **Mulher, ambiente e desenvolvimento sustentável**. Para uma síntese teórica. São Paulo: Instituto Piaget, 1994.
- BRASIL. Ministério dos Povos Indígenas. **Sonia Guajajara**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/composicao/ministerio/sonia-guajajara> . Acesso em: 29 maio 2023.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Responsabilidade Socioambiental**. 2023. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental.html#:~:text=Est%C3%A1%20ligada%20a%20a%C3%A7%C3%B5es%20que,governos%2C%20empresas%20e%20cada%20cidad%C3%A3o> . Acesso em: 03 abr. 2023.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Gênero e meio ambiente**. Brasília/DF: Cortez, 2005.
- EDGE, Rosalie Barrow. Women in exploration, 2023. Disponível em: <https://www.womeninexploration.org/timeline/rosalie-barrow-edge/> . Acesso em: 22 de maio de 2023.
- FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. **Mulher e ambientalismo**. Estudos Sociedade e Agricultura, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2015.
- GADOTTI, Moacir. Um olhar sobre gênero e meio ambiente. **CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Gênero e meio ambiente**, v. 2, 2005.

GARCIA, Mara Sandra. Desfazendo os Vínculos Naturais entre Gênero e meio ambiente. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, n. 0, p. 163-68, 1992.

GARRÉ, Barbara Hees. **O Dispositivo da Educação Ambiental**: modos de constituir-se sujeito na revista *Veja*. Tese. (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, 2015.

GRUPO BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial de 2012**: Igualdade de gênero e Desenvolvimento. Visão geral. 2011. The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank 1818 H Street, NW Washington D.C. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/INTWDR2012/Resources/77781051299699968583/7786210-1315936231894/Overview-Portuguese.pdf> . Acesso em: 17 jun. 2023.

HEYDRICH, Licia. **Sementes adormecidas**: despertando a natureza em mim. 2014.

INOCÊNCIO, Adalberto **Fernando**. Gênero como categoria analítica para pensar questões de natureza da ciência, meio ambiente e mulher. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373310193_ARQUIVO_FAZENDOOGENERO.modelodeenvio.pdf . Acesso em: 29 maio 2023.

LAGOS, Marcia Beraldo e *et al.* A perspectiva de gênero na construção da sustentabilidade. **Cadernos de gênero e tecnologia**, v. 8, n. 31/32, p. 60-71, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.

MCCORMICK, John. **Rumo ao paraíso: A História do Movimento Ambientalista**. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 1992.

MIES, M. **O dilema do homem branco: a procura do que deve ser destruído**. In: MIES, M; SHIVA, V. *Ecofeminismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993a, p. 175-212.

MEMORIAL da Democracia. **Irmã dorothy stang é morta a tiros no PA.**, 2005. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/assassinato-de-dorothy-stang-choca-o-pais> . Acesso em: 29 maio 2023.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PEÑAFIEL M. M, Fany. **Ideologia do movimento ambientalista**: Um Estudo de Casos Múltiplos em quatro Organizações Não Governamentais de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Administração) – Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

PETULLA, Joseph M. **American environmentalism: Values, tactics, priorities**. 1980.

RAFFESTIN, Claude; SANTANA, Octavio Martín González. **Por una geografía del poder**. Zamora: El colegio de Michoacán, 2013.

RAMOS, Élvis C. M. O que é a ciência do espaço em Lefebvre? Desdobrando sua genealogia espacial. **GEOUSP Espaço e Tempo**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. e-181965, 2021. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geosp.2021.181965. Revista Online. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/181965> . Acesso em: 14 jun. 2023.

REDE Marina Silva. **Marina Silva: trajetória de sucesso**.2023. Disponível em: <https://marinasilva.org.br/trajetoria-de-sucesso/> . Acesso em: 29 maio 2023.

SANTOS, Milton. A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar. *In: Anales de Geografía de la Universidad Complutense*. 1995. p. 695-705.

SANTOS, Milton. 1992. A redescoberta da Natureza. **Estudos avançados**, v. 6, p. 95-106, 1992.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SILVA, Daniel Moreira da; RANGEL, Tauã Lima Verdán. **A temática ambiental como arena política e de afirmação de gênero: uma análise do ecofeminismo**. 2019.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

- A. No geral, você percebe mais mulheres ou homens engajados com a causa ambiental
- B. Você consegue identificar diferenças comportamentais ou motivações diferentes entre homens e mulheres dentro do ativismo ambiental
- C. Em uma escala de 0 a 10 o quanto você percebe as mulheres dispostas/receptivas com a causa ambiental
- D. Em uma escala de 0 a 10 o quanto você percebe os homens dispostos/receptivos com a causa ambiental?
- E. Você tem algo a mais relacionado à temática que gostaria de acrescentar?

ANEXO A

Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados pelas entrevistadas

Parte 1 – Página 1 do documento

Título do Estudo: A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO MOVIMENTO AMBIENTALISTA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER NO ESPAÇO

Pesquisador Responsável: GEISABELLE NASCIMENTO CABRAL LEITE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que o (a) senhor (a) não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-los.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

O objetivo desta pesquisa é analisar a representatividade feminina dentro do movimento ambientalista e tem como justificativa o estudo das relações de gênero dentro da causa ambiental e como isso pode impactar em determinados cenários contemporâneos.

Se o(a) Sr.(a) aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação são os seguintes: separar um tempo para uma entrevista online de em média 30 minutos para responder a um questionário sobre o tema do trabalho com base em sua experiência no ativismo ambiental.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso o(a) Sr.(a) decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a pesquisa, não haverá nenhum prejuízo ao atendimento que você recebe ou possa vir a receber na instituição.

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação na pesquisa e o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo com respeito aos procedimentos envolvidos.

Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto, bem como em todas as fases da pesquisa.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido ao Sr.(a), o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que o(a) Sr.(a) queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Caso o(a) Sr.(a) tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Geisabelle Nascimento Cabral Leite, pelo telefone (98) 98738-2050 e/ou pelo e-mail belleleite40@gmail.com ou com a pesquisadora Regina Célia de Castro Pereira, pelo telefone (98) 99232-4837 e pelo e-mail reginapereira@professor.uema.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) e a outra para os pesquisadores.

Parte 2 – Página 2 do documento com a assinatura das entrevistadas

Declaração de Consentimento

Concordo em participar do estudo intitulado: "A representatividade feminina no movimento ambientalista: uma análise das relações de poder no espaço".

<p>Walkyria Biondi Lopes de Magalhães Nome do participante ou responsável</p> <p><u>Walkyria Biondi Lopes de Magalhães</u> Assinatura do participante ou responsável</p>	<p>Data: 29/07/2023</p>
--	-------------------------

Eu, Geisabelle Nascimento Cabral Leite, declaro ser a responsável pelo desenvolvimento da seguinte pesquisa e pela coleta de dados dos informantes-chave.

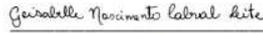
<p><u>Geisabelle Nascimento Cabral Leite</u> Assinatura do Pesquisador</p>	<p>Data: 29 / 07 / 2023</p>
--	-----------------------------

Declaração de Consentimento

Concordo em participar do estudo intitulado: "A representatividade feminina no movimento ambientalista: uma análise das relações de poder no espaço".

 <hr/> Andrea Araujo do Carmo	Data: <u>29 / 07 / 2023</u>
---	-----------------------------

Eu, Geisabelle Nascimento Cabral Leite, declaro ser a responsável pelo desenvolvimento da seguinte pesquisa e pela coleta de dados dos informantes-chave.

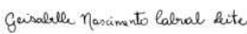
 Assinatura do Pesquisador	Data: 29 / 07 / 2023
--	----------------------

Declaração de Consentimento

Concordo em participar do estudo intitulado: "A representatividade feminina no movimento ambientalista: uma análise das relações de poder no espaço".

<u>GRACA MARIA OLIVEIRA SOARES</u> Nome do participante ou responsável  Assinatura do participante ou responsável	Data: 31 / 07 / 2023
--	----------------------

Eu, Geisabelle Nascimento Cabral Leite, declaro ser a responsável pelo desenvolvimento da seguinte pesquisa e pela coleta de dados dos informantes-chave.

 Assinatura do Pesquisador	Data: 29 / 07 / 2023
--	----------------------

Declaração de Consentimento

Concordo em participar do estudo intitulado: "A representatividade feminina no movimento ambientalista: uma análise das relações de poder no espaço".

Raissa Suelen Amorim Nome do participante ou responsável  <hr/> Assinatura do participante ou responsável	Data: 30 / 07 / 2023
---	----------------------

Eu, Geisabelle Nascimento Cabral Leite, declaro ser a responsável pelo desenvolvimento da seguinte pesquisa e pela coleta de dados dos informantes-chave.

 Assinatura do Pesquisador	Data: 29 / 07 / 2023
--	----------------------

Declaração de Consentimento

Concordo em participar do estudo intitulado: "A representatividade feminina no movimento ambientalista: uma análise das relações de poder no espaço".

<p>_____</p> <p>Nome do participante ou responsável</p> <p>_____</p> <p>Assinatura do participante ou responsável</p>	<p>Documento assinado digitalmente: LUZENICE MACEDO MARTINS Data: 02/08/2023 17:00:37-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br</p> <p>Data: ____/____/____</p>
--	---

Eu, Geisabelle Nascimento Cabral Leite, declaro ser a responsável pelo desenvolvimento da seguinte pesquisa e pela coleta de dados dos informantes-chave.

<p><i>Geisabelle Nascimento Cabral Leite</i></p> <p>Assinatura do Pesquisador</p>	<p>Data: 29 / 07 / 2023</p>
---	-----------------------------